

A satellite view of the Galapagos Islands, showing the rugged terrain of the islands with a topographic overlay. The colors range from green (low elevation) to brown and black (high elevation). The islands are scattered across the dark blue ocean, with white clouds visible in the background.

**Coleção
MONÃ: VOZES OCEÂNICAS**

**Volume 5
CHARLES ROBERT DARWIN
NAS ILHAS GALÁPAGOS**

**Autor
Paulo Henrique Colonese**

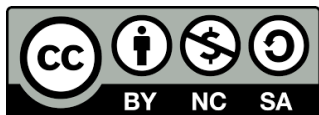
**Fiocruz-COC
2026**

Coleção
MONÃ: VOZES OCEÂNICAS

Volume 5
CHARLES ROBERT DARWIN
NAS ILHAS GALÁPAGOS

Autor
Paulo Henrique Colonese

Fiocruz-COC
2026



Licença de Uso.

O conteúdo dessa obra, exceto quando indicado outra licença, está disponível sob a Licença Creative Commons, Atribuição-Não Comercial-Compartilha Igual 4.0

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

Presidente

Mario Santos Moreira

Diretor da Casa de Oswaldo Cruz

Marcos José de Araújo Pinheiro

Chefe do Museu da Vida

Luis Henrique Amorim

Serviço de Itinerância

Fernanda Marcelly de Gondra França

Lais Lacerda Viana

Marta Fabíola do V. G. Mayrink (Coordenação)

Monica Merola Azevedo

Paulo Henrique Colonese

Thaíssa Alice Rosa de Medeiros

Vanessa Cristina da Silva Ferreira

Concepção da Coleção

Paulo Henrique Colonese

Autor

Paulo Henrique Colonese

Diário de Charles Darwin (trechos adaptados)

Project Guttenberg

Poesias e Pinturas Impressionistas

IA Microsoft Copilot,

Editado por Paulo Henrique Colonese

Fotografias

Acervo iNaturalist de licença CC-BY-NC-4.0.

Design

Paulo Henrique Colonese

Apoio Administrativo

Fábio Pimentel

Mídias e Divulgação

Tatiane de Oliveira Lima

Captação De Recursos

Escritório de Captação da Fiocruz

Gestão Cultural

Sociedade de Promoção Sociocultural da Fiocruz

Biblioteca de Educação e Divulgação Científica Iloni Seibel

C719c Colonese, Paulo Henrique.
Charles Robert Darwin nas ilhas Galápagos / Paulo Henrique Colonese. -- Rio de Janeiro : Fiocruz – COC, 2026.
136p.; il. (Coleção Monã : vozes oceânicas; v. 5).

Modo de acesso: <<http://www.museudavida.fiocruz.br/index/publicacoes>>.

ISBN 978-65-84029-16-3 (e-book)

1. Darwin, Chales 1809-1882. 2. Expedições científicas. 3. Poesia. I. Colonese, Paulo Henrique. II. Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida Fiocruz. III. Título. IV. Série.

CDD – 508.3

Catálogo na fonte: Beatriz Schwenck – CRB7/5142.

**MINISTÉRIO DA CULTURA E
MUSEU DA VIDA FIOCRUZ**
apresentam

ARTE E CIÊNCIA SOBRE RODAS

Coleção Monã: Vozes Oceânicas

Esta coleção é um produto cultural do Projeto Arte e Ciência sobre rodas, 2024-2026, aprovado pela Lei de Incentivo à Cultura.



Patrocínio

TOYOTA



sanofi



Apoio



Gestão Cultural



Realização



**MINISTÉRIO DA
CULTURA**



SUMÁRIO

MONÃ – VOZES OCEÂNICAS	07
O Oceano de Monã (poesia IA)	11
CHARLES ROBERT DARWIN	12
Entre frascos e folhas (poesia IA)	20
O Navio de Sua Majestade (HMS) Beagle	21
HMS BEAGLE NO BRASIL	26
Rochas de São Pedro e São Paulo (nenhuma palmeira, atobás marrons, insetos e aranhas)	27
Poucas horas na Ilha Fernando de Noronha	33
Quase vinte dias em São Salvador, Bahia	36
Uma surpresa em pleno mar	38
Três meses no Rio de Janeiro	40
Tristes Memórias: A Escravidão no Brasil	61
ARGENTINA, TERRA DO FOGO E PATAGÔNIA	63



CHARLES DARWIN EM GALÁPAGOS	64
Ilha de Conde de Chatham (San Cristóbal) (Tartarugas terrestres gigantes)	67
Ilha Rei Charles II (Floreana) (A flora quase sem folhas)	76
Ilha de Duque Albermale (Isabela) (Iguanias aquática e terrestre)	85
Ilha Rei James II (Santiago) (As grandes tartarugas terrestre gigantes)	100
Adeus, Ilhas das Tartarugas Gigantes (Ilhas das Galápagos)	109
De volta à costa do Brasil	111
A luxuosa exuberante natureza	112
Pernambuco, a cidade dos recifes	115
Olinda, a falta de cortesia	116
Adeus a um país escravocrata	118
MENSAGEM A NAVEGANTES	121
PARA SABER MAIS	126
AUTOR	133





**Jovem Charles Robert Darwin em estilo impressionista.
Criado com IA Microsoft Copilot, 2026.**



Figura de brasileiros em Uma festa brasileira celebrada em Ruão em 1550”,
por Ferdinand Denis, 1850.

Coleção
MONÃ: VOZES OCEÂNICAS

Monã – Vozes Oceânicas

História inspirada em “Uma festa brasileira celebrada em Ruão em 1550”, por Ferdinand Denis, 1850. Edições do Senado Federal – Vol. 150, 2011.

Muito antes de embarcações cruzarem o Oceano e de alguns humanos criarem mapas e desenharem fronteiras, os povos originários já contavam histórias sobre a criação do mundo, da água e da vida.

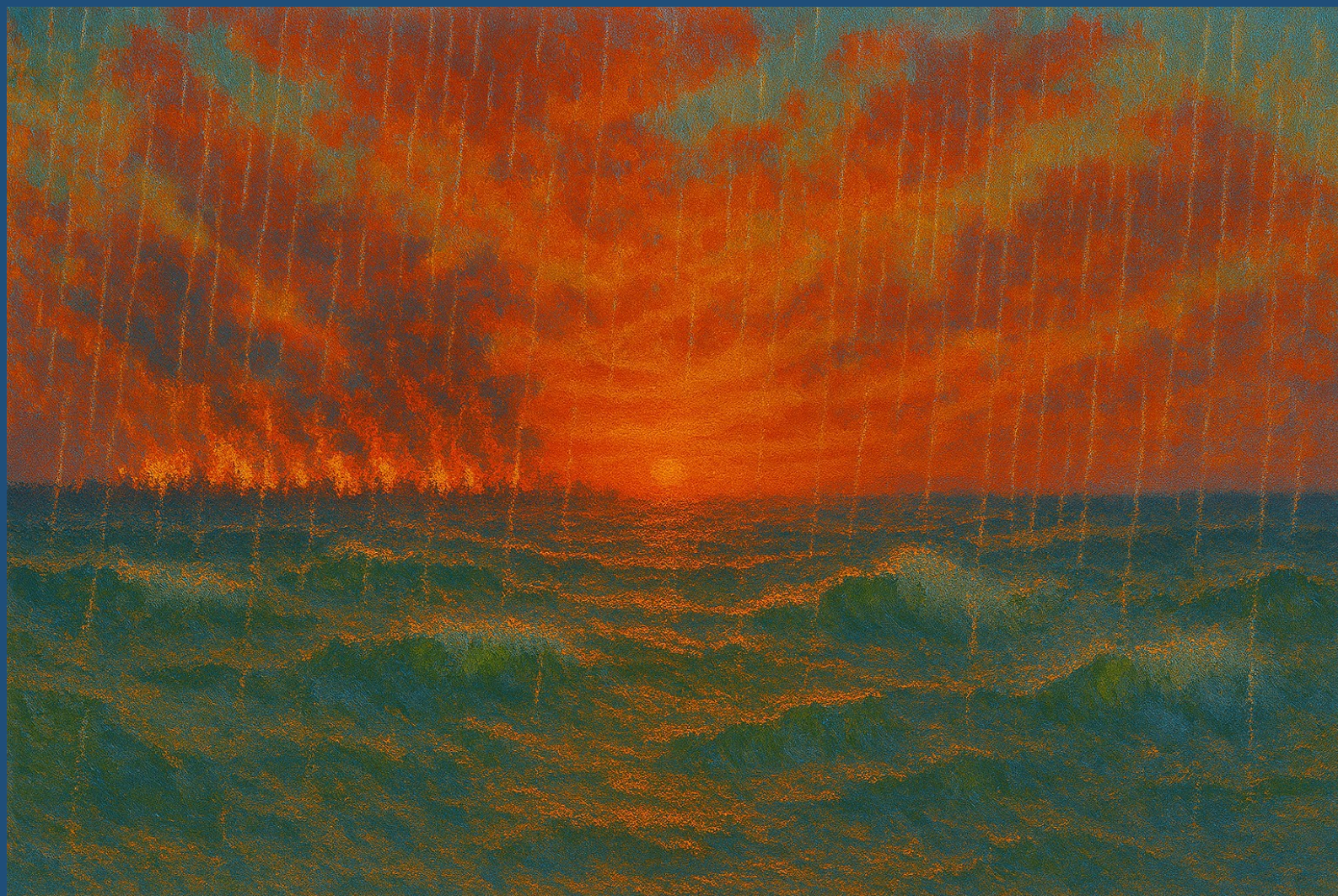
Uma dessas histórias fala de **Monã**, sem fim nem começo, o grande espírito criador dos povos indígenas **Tupinambás**. Monã criou o Céu, a Terra e tudo quanto existe neles, incluindo os animais e os seres humanos.

Tempos depois, ao ver que a humanidade se afastava da harmonia com a natureza, Monã enviou **Tata** (o fogo do céu) para renovar a Terra. O fogo foi tão intenso que criou vales, colinas, belas campinas, montanhas e depressões no solo.

Apenas, **Irim-Magé**, um humano muito sábio e justo, sobreviveu ao incêndio por estar na terra de Monã. Ele implorou por misericórdia e Monã, comovido, lançou **amana** (chuva) de **amã atouppane**, (nuvens d’água) para apagar o incêndio.

E foi da água da chuva que apagou esse fogo que nasceu **Parana**, o **grande rio-mar** — vasto, profundo e salgado pelas cinzas do passado.





**Criação do Grande Rio por Monã.
Gerado por Microsoft IA Copilot, em 30/09/2025.**

O grande rio, para os povos indígenas tupinambás, não é apenas água:

é memória, transformação e renascimento.

Inspirada nesse mito ancestral, a coleção **Monã: Vozes Oceânicas** convida você a mergulhar no oceano e em costas brasileiras e descobrir os encantos da **fauna** e da **flora marinha**.

Cada espécie apresentada carrega não só sua beleza e ecologia, mas também uma história que conecta ciência, cultura e espiritualidade.

Aqui, os seres marinhos não são apenas seres vivos — são **filhos das águas sagradas**, guardiões de um equilíbrio que precisa ser respeitado e protegido.

A Coleção Monã: Vozes Oceânicas é um chamado para olhar o oceano com os olhos da sabedoria ancestral: como um espaço de **vida, cura e conexão**.

Nesse volume, iremos acompanhar **Charles Robert Darwin** em sua incrível expedição até as Ilhas Galápagos, incluindo sua passagem pelo Brasil.



O OCEANO DE MONÃ

Gerado com IA Microsoft Copilot em 2025,
edição Paulo H. Colonese

No tempo em que tudo era novo,
E o mundo ainda aprendia a viver,
Monã, o grande criador do povo,
Fez a Terra, o céu e o amanhecer.

Criou animais, árvores, chão,
Fez o vento dançar com o trovão,
Mas viu que a humanidade, em confusão,
Esquecera do amor e da união.

Então Monã, triste e pensativo,
Mandou Tata, fogo forte e vivo,
A queimar montanhas, rios e flores,
Levando embora cores e amores.

Mas Irim-Magé, justo e bom,
Pediou perdão com o coração.
Monã ouviu, com compaixão,
E lançou Amana sobre a imensidão.

A chuva caiu, caiu sem parar,
E a Terra começou a se transformar.
As águas cobriram o que era chão,
E nasceu oceano, com sal e emoção.

O mar guardou as cinzas do passado,
Mas trouxe vida, peixe encantado.
E Monã, com sabedoria,
Deu ao mundo sal e memória.

Hoje, quando olhamos oceano a brilhar,
Lembramos de Monã a nos ensinar:
Que a natureza é respeito e cuidado,
E o oceano, nosso legado.



**Charles Darwin (6 anos) e sua irmã Emily Catherine.
Fotogravura autotipia de Walker & Cockerell a partir de desenho de Ellen
Sharples, 1816. Acervo Biblioteca da Universidade de Cambridge.**

CHARLES ROBERT DARWIN

Olá, eu sou **Charles Robert Darwin** e vou contar um pouco sobre a minha história.

Eu nasci em 12 de fevereiro de 1809, em uma cidade chamada **Shrewsbury** que significa “fortaleza entre arbustos”, a origem da cidade. Ela fica no condado de **Shropshire** na fronteira do País de Gales, que fica a 240 quilômetros a noroeste de Londres, na Inglaterra.

Quando eu era pequeno, adorava investigar a **natureza** ao redor da minha casa. Eu gostava de **coleccionar insetos, conchas e pedras**.

Eu adorava colecionar diferentes tipos de **besouros** e observar suas cores e formas variadas. Eles eram pequenos, mas fascinantes, e eu gostava de descobrir onde eles viviam e o que eles comiam. A paixão por insetos me acompanhou durante toda a minha vida e me ajudou a desenvolver meu amor pela Natureza e pela Ciência.

Minha mãe, Susannah Darwin, faleceu quando eu tinha oito anos, então, fui criado pelo meu pai – o médico Robert Waring Darwin - e minhas irmãs mais velhas Marianne, Caroline e Susan.

Dizem que Caroline era muito parecida com minha mãe. Eu também tinha um irmão mais velho, Erasmus e duas irmãs menores Emily Catherine e Elizabeth. Infelizmente Emily Catherine morreu quando eu tinha 13 anos, mas existe um registro de nós dois juntos coletando plantas.





**Caroline Sarah Darwin aos 16 anos. Autor anônimo, 1816.
Acervo Wikipedia. Coleção de Down House, Downe,
Kent / Darwin Heirlooms Trust.**

Aos 9 anos, eu entrei para a escola **Shrewsbury School**, onde estudei de 1818 a 1825. Era um colégio interno, com foco em estudos clássicos de latim e de grego. Eu não me destaquei muito nos estudos e achava as aulas tediosas, mas gostava de colecionar insetos e investigar a natureza.

Eu sempre fui muito **curioso** e gostava de **fazer perguntas** e **descobrir** como as coisas funcionam.

Com meu irmão mais velho, Erasmus, montamos um **pequeno laboratório** de **química** no jardim de nossa casa. Fizemos muitas **experiências** e aprendíamos juntos.

Eu também adorava **passear** pelo campo e **observar** animais e plantas. Essas aventuras me ensinaram a amar a natureza e a querer entender mais sobre ela.

Aos 16 anos, fui para Edimburgo para estudar **Medicina**, seguindo os planos de meu pai. Porém, eu não gostava das aulas práticas de cirurgia (na época sem anestesia) e acabei me interessando mais pela **História da Natureza**.

Em Edimburgo, eu conheci o **Professor Robert Edmond Grant**, que estudava invertebrados marinhos. Foi ele que me chamou a atenção sobre a adaptação e a transformação das espécies. Mais tarde, essa curiosidade me levou a fazer grandes descobertas sobre a grande **variação** e **diversidade** que existe entre as espécies.





PUBLISHED BY GEORGE RANSOME, FETTER LANE.

Robert E. Grant

Professor Robert Edmond Grant.
Litografia de Thomas Herbert Maguire, 1852.
Acervo Wellcome Images. Licença de Domínio Público.



Professor John Stevens Henslow.
Litografia de Thomas Herbert Maguire, 1849.
Acervo Wellcome Images. Licença de Domínio Público.

Em 1828, eu fui estudar teologia na Universidade de Cambridge, e conheci o **Professor John Stevens Henslow**, botânico que se tornou meu grande mentor nos estudos sobre a **História da Natureza**.

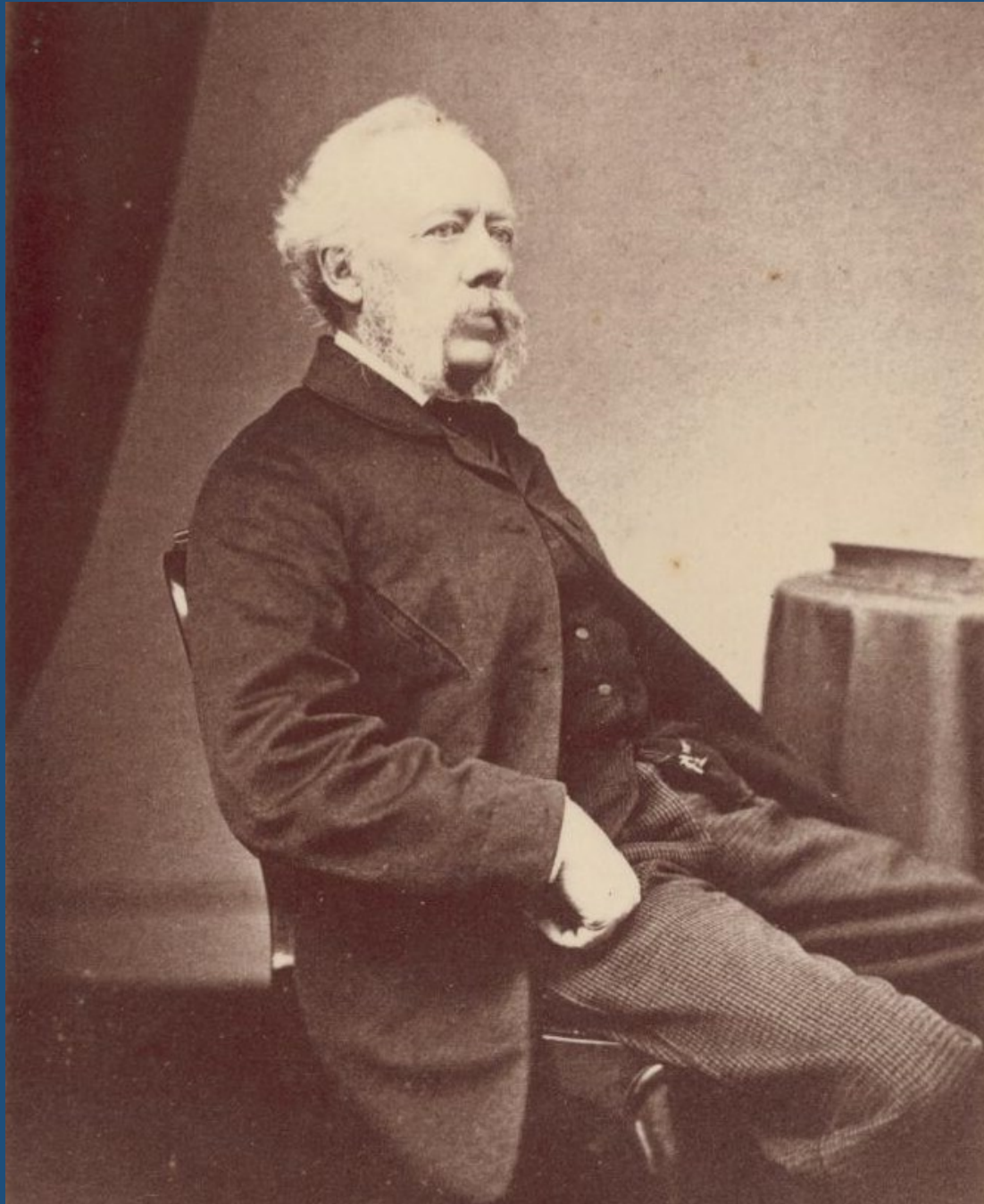
Henslow me convidou para caminhadas botânicas, quando me ensinou a importância da **observação cuidadosa** e do **registro preciso** pois a Ciência exige **coleta sistemática** de **dados**, e não apenas **especulação**. Com ele, aprendi a ser um naturalista moderno!

Ele me incentivou a estudar geologia e botânica, duas áreas que seriam fundamentais para minhas futuras descobertas. Ele me apresentou a outros cientistas importantes, como o geólogo **Adam Sedgwick**, ampliando minha formação e rede de contatos na Ciência.

Henslow também fez algo que mudaria minha vida para sempre. Ele me recomendou como naturalista para a segunda viagem do navio de pesquisa e exploração (classe Cherokee) da Marinha Real Britânica.

Assim, participei como o naturalista da expedição de 1831 a 1836 do **His Majesty's Ship (HMS) Beagle**, com o **Capitão Robert FitzRoy** e uma equipe de marinheiros, oficiais e desenhistas como **Conrad Martens**. Sem essa indicação, eu provavelmente não teria embarcado nessa expedição que mudaria a história da natureza.





Retrato do ilustrador Conrad Martens, década de 1870.
Charlement, Sydney. Acervo da National Library of
Australia. Licença de Domínio Público.

ENTRE FRASCOS E FOLHAS

Gerado por Microsoft IA Copilot, 2025,
com edição de Paulo H. Colonese

No jardim antigo,
sob o céu de *Shrewsbury*,
Dois meninos sonhavam
com segredos a descobrir.

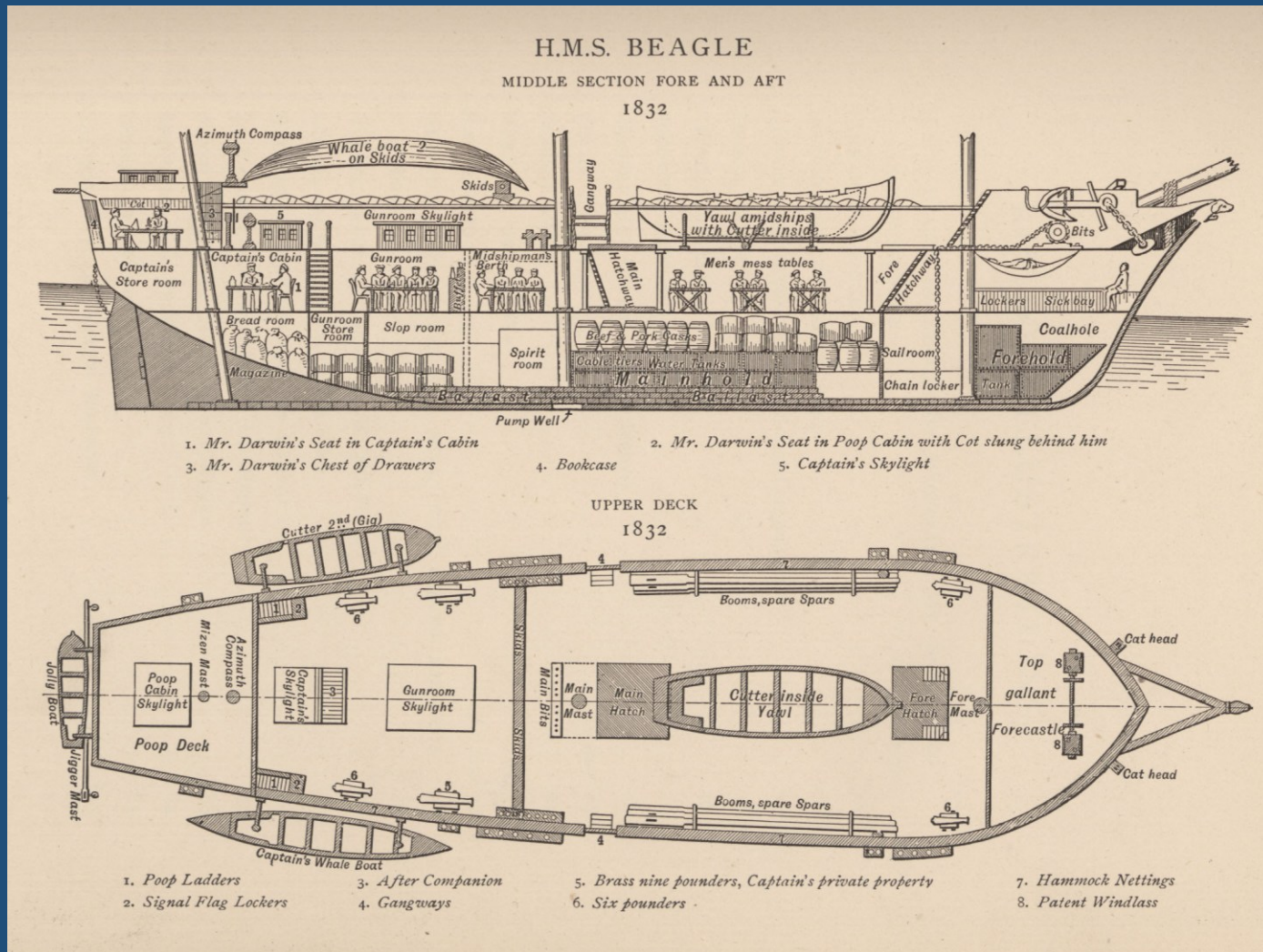
Erasmus e Charles,
com olhos de luz,
Seguiam formigas,
Perguntando: O que as conduz?

Misturavam tintas, sementes e sal,
Criavam mundos num frasco de cristal.
Observavam larvas, o voo do inseto,
Cada detalhe era um universo completo.

Entre livros e rios, a Ciência nascia,
Não por obrigação, mas pura alegria.
O vento soprava ideias sem fim,
E a curiosidade nos guiava pelo jardim.

Quem diria que esses jogos de criança,
Seriam o início de uma grande mudança?
Pois da infância brotou, como uma flor do chão,
A Teoria que explicou toda a viva variação.

O NAVIO DE SUA MAJESTADE (HMS) BEAGLE



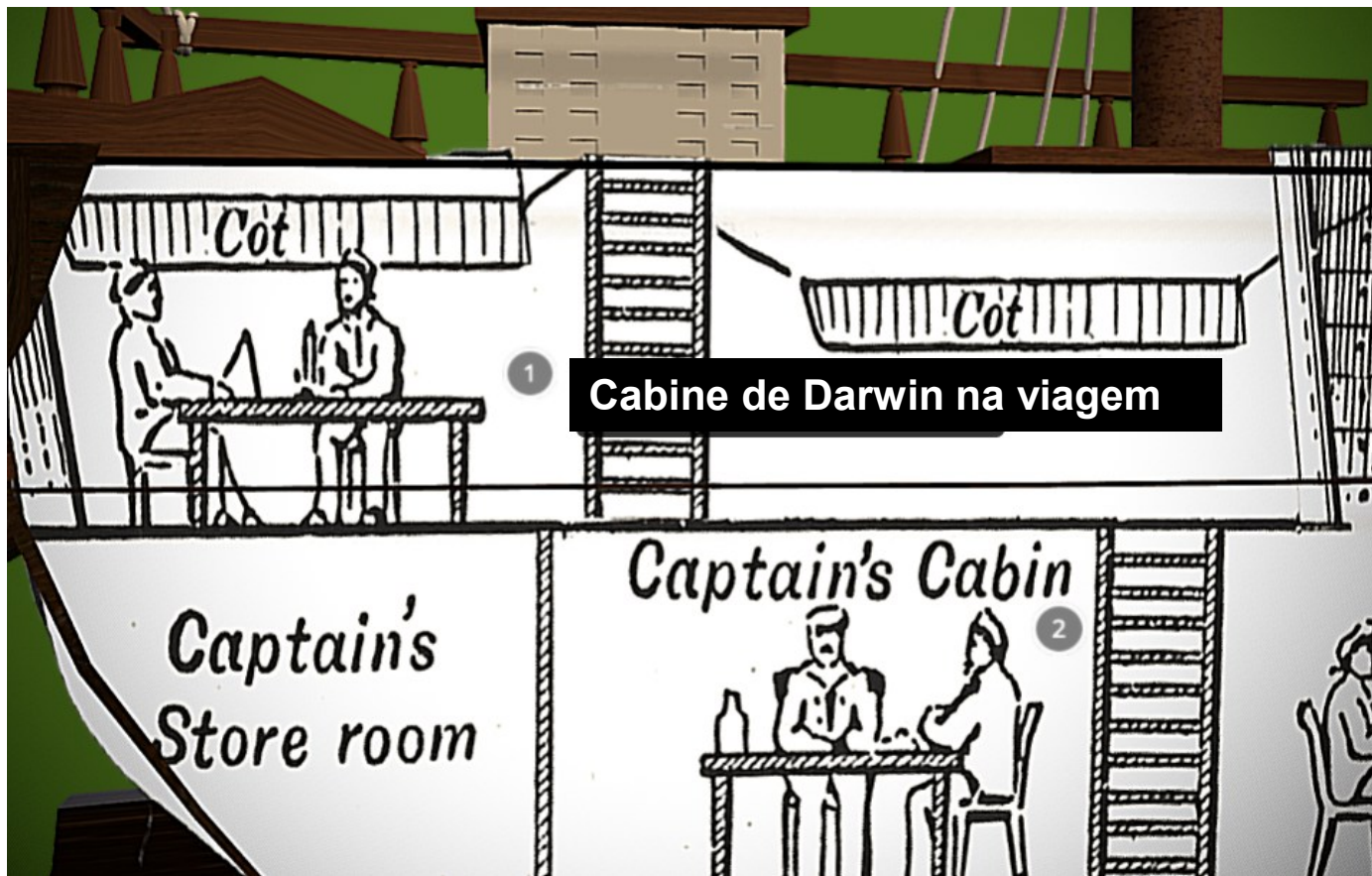
Planta do navio HMS Beagle.

No alto, seção central vista de proa a popa, com suas cabines, 1832.

Em baixo, Convés superior, com detalhes, 1832.

Autor (provável) Robert Taylor Pritchett.

Acervo Digital [National Library of Medicine](https://www.nlm.nih.gov/).



Eu tinha 22 anos, ao embarcar no HMS Beagle. Ao conhecer a minha **cabine**, escrevi para minha irmã Susan, em 17 de setembro de 1831.

'Minha cabine é a de desenho, e no meio há uma grande mesa, sobre a qual nós dois dormimos em redes [Cot], mas durante os primeiros dois meses não haverá desenho para fazer, então será um quarto bastante luxuoso e bem maior que a cabine do capitão”.

E, antes de zarpar, anotei em meu diário:

'Embarquei e voltei em pânico devido ao velho problema da **falta de espaço**. Retornei ao navio com o Capitão FitzRoy, que é um articulador tão eficaz e bem-humorado que as gavetas se alargam em sua presença e todas as dificuldades desaparecem.'

Em 27 de dezembro de 1831, partimos do Porto de Plymouth, na Inglaterra. Eu estava muito animado e um pouco nervoso, pois seria uma grande aventura navegar para mundos distantes, conhecer novos lugares e aprender mais sobre a natureza.

No início, o mar estava agitado e muitos de nós, incluindo eu, ficamos enjoados.

Meu companheiro de cabine era o cartógrafo e hidrógrafo oficial, **Sr. John Lort Stokes**.

Ele dizia que quando enjoava, a melhor posição para aliviar o balanço do navio era esticar-se de um lado da mesa por algum tempo para depois, poder retomar o trabalho, antes de ter que se deitar novamente.

Com o tempo, me acostumei com o balanço do barco.

A bordo, eu sentia uma mistura de emoções:
curiosidade, entusiasmo
e, às vezes, **saudade de casa**.



SOB VENTOS E MARÉS DO BEAGLE

**Gerado por Microsoft IA Copilot, 2025,
com edição de Paulo H. Colonese**

**No porto inglês, ergue-se o Beagle audaz,
Sonhando horizontes que o tempo não desfaz.
FitzRoy ao leme, firme como o Sol,
Guiando o navio sob o céu arrebol.**

**Darwin, curioso, com olhos de luz,
Busca nas ilhas o segredo que seduz.
Entre rochas vulcânicas, vida a brotar,
Perguntas sem fim começam a germinar.**

**Martens desenha com traços sutis,
Paisagens que falam de mundos gentis.
Cada traço revela, no papel tão fiel,
As belezas de paisagens mil.**

**Stokes traça linhas no mapa do mar,
Cartógrafo atento, sem medo de errar.
Cada costa medida, cada enseada marcada,
Para que a ciência navegue iluminada.**

**Cinco anos de ventos, descobertas sem fim,
O Beagle retorna, mas deixa um jardim:
Ideias que florescem, mudando a razão,
E Darwin escreve a lei da diferenciação.**

ROCHAS DE SÃO PEDRO E SÃO PAULO

Na manhã de 16 de fevereiro, passamos perto da ilhota de São Paulo, em um conjunto de rochas a 560 km de Fernando de Noronha. O ponto mais alto da ilha tem apenas 50 metros.


As **rochas** parecem, ao longe, um **branco brilhante**. É o **esterco** de uma multidão de aves marinhas e uma substância dura e brilhante com um brilho perolado, ligado à superfície das rochas.

Encontramos apenas dois pássaros: o **atobá pardo** e o **noddy marrom** (*Anous stolidus ssp. galapagensis*). Ambos são mansos e estúpidos, e não estão habituados a visitantes.

O atobá põe seus ovos na rocha; mas o noddy constrói um ninho simples com algas marinhas. Ao lado de muitos ninhos estava um pequeno **peixe-voador** (*Cheilopogon*), que eu suponho foi trazido pelo macho para sua parceira. Foi divertido observar como um **caranguejo de pedra** (*Grapsus*) roubou o peixe do ninho, assim que nós perturbamos os pais dos pássaros.

Nenhuma planta, nem mesmo um líquen, cresce nesta ilhota; no entanto, ela é habitada por diversos **insetos** e **aranhas**. A descrição repetida da “majestosa palmeira e outras plantas tropicais nobres no Oceano Pacífico” não deve estar correta; e temo que isso destrua a poesia desta história.



A photograph capturing a Brown Noddy (Sula leucogaster) in mid-flight, pursuing a flying fish. The bird is positioned on the right side of the frame, with its wings fully extended, showing a mix of dark brown and white feathers. Its long, hooked beak is pointed towards the fish. The flying fish is on the left, its body arched as it glides through the air. The background is a clear, light blue sky. In the bottom right corner, there is a dark blue rectangular box containing white text.

Atobá pardo (*Sula leucogaster*) caçando peixe voador.
© Luciano Bernardes,
Ilha da Queimada Grande, 2015.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.



Casal de atobás pardos (*Sula leucogaster*).
©dudax61, Ilhota Belmonte, 2025.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.



Noddy marrom "Tinhosa" (*Anous stolidus*).
©dudax61, Ilhota Belmonte, 2025.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.



Peixe voador (*Cheilopogon cyanopterus*).
©Katrin Schmidt, Costa de Alagoas, 2025.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-ND-4.0.



Caranguejo Saltador Real (*Grapsus grapsus*).
©tchone, Fernando de Noronha, 2025.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.

POUCAS HORAS NA ILHA FERNANDO DE NORONHA

Fernando de Noronha, 20 de fevereiro

Durante as poucas horas que passamos na ilha, percebi que sua formação é vulcânica, embora provavelmente antiga.

O ponto mais marcante é uma **colina** em forma de cone, com cerca de 300 metros de altura, muito íngreme no topo e com uma parte projetada para fora da base.

A rocha é **vulcânica**, formada por lava rica em minerais como feldspato e nefelina. Ela é dura e, quando batida, pode produzir um som metálico, e dividida em colunas irregulares.

Ao ver uma dessas massas isoladas, parece que ela foi empurrada para cima ainda semiderretida. (...)

A ilha é toda coberta por árvores, mas o clima seco impede que pareça exuberante.

No meio da montanha, grandes blocos de rocha colunar, sombreados por árvores parecidas com louros e enfeitados por outras com belas **flores vermelhas, mas sem folhas**, davam um toque agradável à paisagem.





**Mulungu com flores
vermelhas no início da
estação seca. Árvore nativa
do Brasil que ocorre em
diversas regiões do Nordeste
e Sudeste, incluindo a ilha de
Fernando de Noronha.
(*Erythrina velutina*),
© pedrosantoss, Paraíba,
2022. Acervo [iNaturalist](#).
Licença CC-BY-NC-4.0.**



Ilha Fernando de Noronha, Brasil.
Acervo Encyclopaedia Britannica.
Licença Magglz GNU Free Version 1.2.

QUASE 20 DIAS EM SÃO SALVADOR, BAHIA

O HMS Beagle chegou à cidade de São Salvador, na Bahia, onde ficamos por cerca de 19 dias de 29 de fevereiro a 18 de março de 1832.

Foi puro deleite poder caminhar pela primeira vez numa **floresta brasileira**. A exuberância geral da vegetação, me encheu de admiração.

Depois de vagarmos por algumas horas, voltamos ao local de desembarque; mas, antes de chegar lá, fomos atingidos por uma tempestade tropical impressionante.

Caminhei por **estradas rurais** e **trilhas** em áreas da **Mata Atlântica**, em municípios [talvez Cachoeira e Santo Amaro] e áreas rurais próximas a Salvador.

E, assim, consegui reunir exuberantes orquídeas tropicais, borboletas como as “morfos azuis” e besouros “rola-bosta” e de antenas longas - tudo enviado para especialistas na Inglaterra.

Também pude observar o **Peixe-Ouriço** [*Diodon hystrix*] capturado nadando perto da costa. Esse peixe, com sua pele flácida, é bem conhecido por possuir o poder singular de se distender em uma forma quase esférica.



Peixe Ouriço (*Diodon hystrix*),
© eltoinou, 2017.
Acervo iNaturalist.
Licença CC-BY-NC-4.0.



UMA SURPRESA EM PLENO MAR

18 de março.

Alguns dias depois de sairmos de São Salvador, quando não muito distante dos **Ilhéus Abrolhos**, uma coisa chamou a minha atenção no mar, uma mancha de aparência marrom-avermelhada.


Toda a superfície da água, como aparecia sob uma lente fraca, parecia coberta por pedaços de feno picado, com as pontas irregulares. São filamentos cilíndricos, em feixes ou jangadas de vinte a sessenta em cada uma.

Era uma colônia de **cianobactérias**, formando grandes floradas visíveis a olho nu — lembrando "serragem do mar" — comuns em águas tropicais e subtropicais

Elas são da espécie ***Trichodesmium erythraeum***. O navio passou por várias bandas delas, uma das quais tinha cerca de nove metros de largura e, a julgar pela cor lamacenta da água, pelo menos quatro quilômetros de comprimento.

Em quase toda longa viagem é dada alguma referência a essas colônias. Um espetáculo impressionante na superfície do mar. Ainda me encontraria com outras dessas colônias durante a viagem.





Floração de Cianobactéria filamentosa
(*Trichodesmium bloom*),
© Satélite Aqua da NASA, sudoeste do
Oceano Pacífico,, 2014.
Acervo Wikipedia.
Licença CC0, Domínio Público.



Cianobactéria filamentosa
(*Trichodesmium erythraeum*),
© PeterKamen, Austrália, 2023.
Acervo iNaturalist.
Licença CC-BY-NC-4.0.

Lifou

TRÊS MESES NO RIO DE JANEIRO

Depois ficamos cerca de 3 meses, de 4 de abril a 7 de julho de 1832, no **Rio de Janeiro**, foi uma das estadias mais longas da viagem.

Minha estadia foi organizada em 2 etapas.

Primeiro, eu fiz excursões pela Floresta da Tijuca, Serra do Mar e arredores da cidade, pelo interior do estado, passando por algumas vilas e cidades. Nessa primeira etapa, passei pelas vilas:

de **Itaocaia**; [perto de Maricá],
de **Mandetiba** [atual distrito de Itacuruçá, em Mangaratiba],
de **Campos Novos**, [distrito de Campos Novos, em Cabo Frio]
de **Engenhodo** [Inoã, em Maricá],
de **Socego**, [Sossego, em Nova Friburgo],
pelo **Rio Macaé**,
e a **Vila de Madre de Deos** [em Minas Gerais],

conforme registrei em meu diário.

Depois fiquei na **Baía de Botafogo**, numa casa próxima aos pés do Corcovado, quando pude observar a paisagem e descobrir a fauna local, especialmente meus queridos insetos.



Veja um mapa dos caminhos que percorri na primeira etapa no site dos “Caminhos de Darwin”.

Caminhos de Darwin 1832

Carta Chorográfica da Província do Rio de Janeiro - Bellegarde & Nierreyer, 1832 (original no Arquivo Nacional - Rio de Janeiro)

VOCE ESTA AQUI

Roteiro Darwin - 1832

1 Rio de Janeiro - Jardim Botânico	4 Saquarema - Maniitba	7 Cabo Frio - Fazenda Campos Novos	10 Conceição de Macabu - Fazenda Sossego
2 Niterói	5 Araruama	8 Casimiro de Abreu - Barra de São João	11 Rio Bonito
3 Maricá - Fazenda Itaocaia	6 São Pedro da Aldeia	9 Macaé	12 Itaboraí

“Em torno das casas centrais, estão as cabanas dos negros, cuja forma e posição regulares me lembraram os desenhos das moradas dos hotentotes do sul da África. Isso talvez evoque para essas pobres pessoas no meio da escravidão a casa de seus pais. [...] com exceção de uma velha que, a ser capturada de novo, preferiu se espatifar em pedaços e jogou-se bem do topo da montanha. Fosse ela uma matrona romana e isso seria chamado de patriotismo nobre; como se trata de uma negra, foi chamado de obstinação brutal!”

Charles Darwin

Inauguração da placa
28 de novembro de 2008
www.casadaciencia.ufrr.br/caminhosdedarwin

Apóio:

Coordenação:

Site dos Caminhos de Darwin, em
<https://www.geoparquecostoeselagunas.com/caminhos-de-darwin/>

Nessa primeira etapa, fiz alguns registros de meus encontros com a fauna e a flora locais, dos quais farei alguns destaques.

Na estrada, **vaga-lumes** passaram voando por nós; e o pássaro **narceja** [*Gallinago paraguaiiae*] solitário, ao se erguer, soltou seu grito lamentoso.

Entre o mar e lagoas, avistei **aves pescadoras**, como **garças e grou**, e **plantas suculentas** das formas mais fantástica e as poucas árvores estavam carregadas de **plantas parasitas**, como orquídeas admiráveis.

Cavalgando na estrada, me deparei com o **morcego vampiro** comum (*Desmodus rotundus*), ao tentarem atacar os cavalos.

Em Sossego, até jantamos um **cervo**, caçado durante nossa estadia.

Nas proximidades do Rio Macaé, as **samambaias** eram dignas de admiração.

Ao retornar, passando em Sossego, dediquei 2 dias a coletar **insetos**.

E me deparei com a **palmeira Juçara**, uma das mais belas de sua família.

Essas caminhadas e cavalgadas valeram a pena!





Narceja (*Gallinago paraguaiæ*),
© Miguel Podas, São Paulo, 2025.
Acervo iNaturalist.
Licença CC-BY-SA-4.0.



Morcego vampiro comum (*Desmodus rotundus*),
© Irmont, Reserva Biológica União, Rio de Janeiro, 2023.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.



Palmeira Juçara (*Euterpe edulis*),
© Karina Avila, São Paulo, 2025.
Acervo iNaturalist.
Licença CC-BY-NC-4.0.

Na noite do dia **23 de abril**, chegamos ao Rio, terminando nossa agradável pequena excursão. Durante o restante da minha estadia no Rio, fiquei em uma **casa de campo na Baía de Botafogo**. Era impossível desejar algo mais agradável do que passar algumas semanas em um país tão magnífico.

A existência de uma divisão do gênero **Planaria**, que habita a terra firme, me interessou muito. Numerosas espécies habitam tanto água salgada quanto doce; mas essas foram encontrados, mesmo nas partes mais secas da floresta, sob troncos de madeira podre, dos quais acredito que se alimentam.

Observei dois macacos barbudos, caçados e abatidos. Esses animais possuem cauda preênsil, cuja extremidade, mesmo após a morte, pode suportar todo o peso do corpo.

Eu recebi de um padre português, um belo exemplar do **gato Yagouaroundi**. [jaguaririca-pequena].

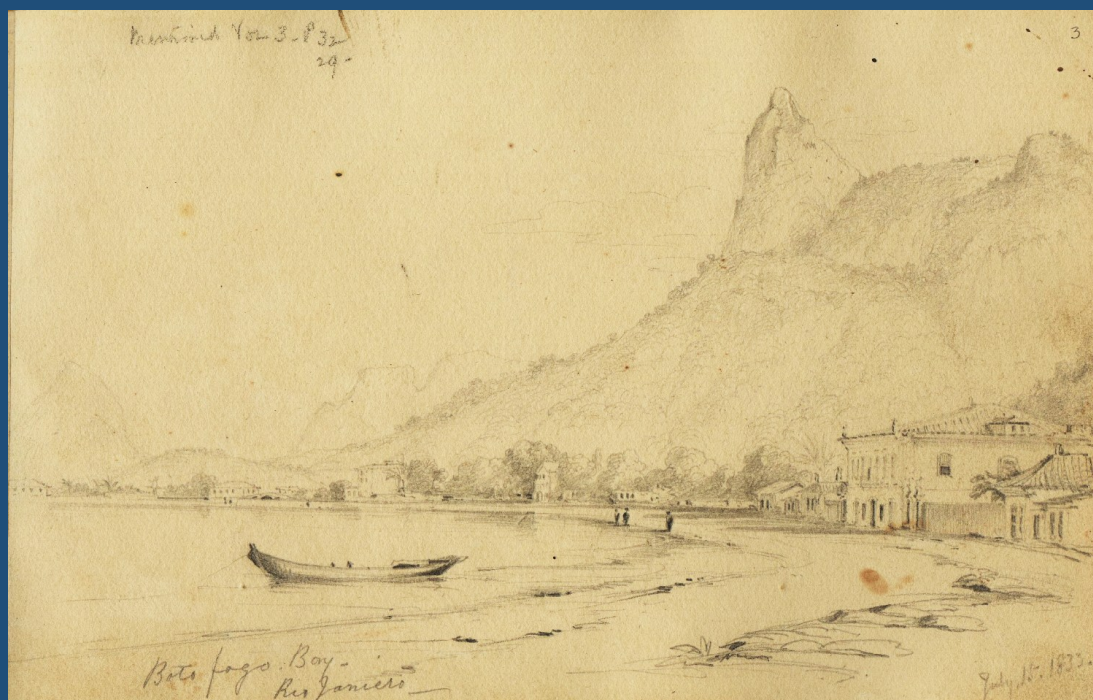
Em maio e junho, fui agraciado com belos **vocalistas**.

Um pequeno **sapo** solta um agradável chilreio e juntos, cantam em harmonia em notas diferentes.

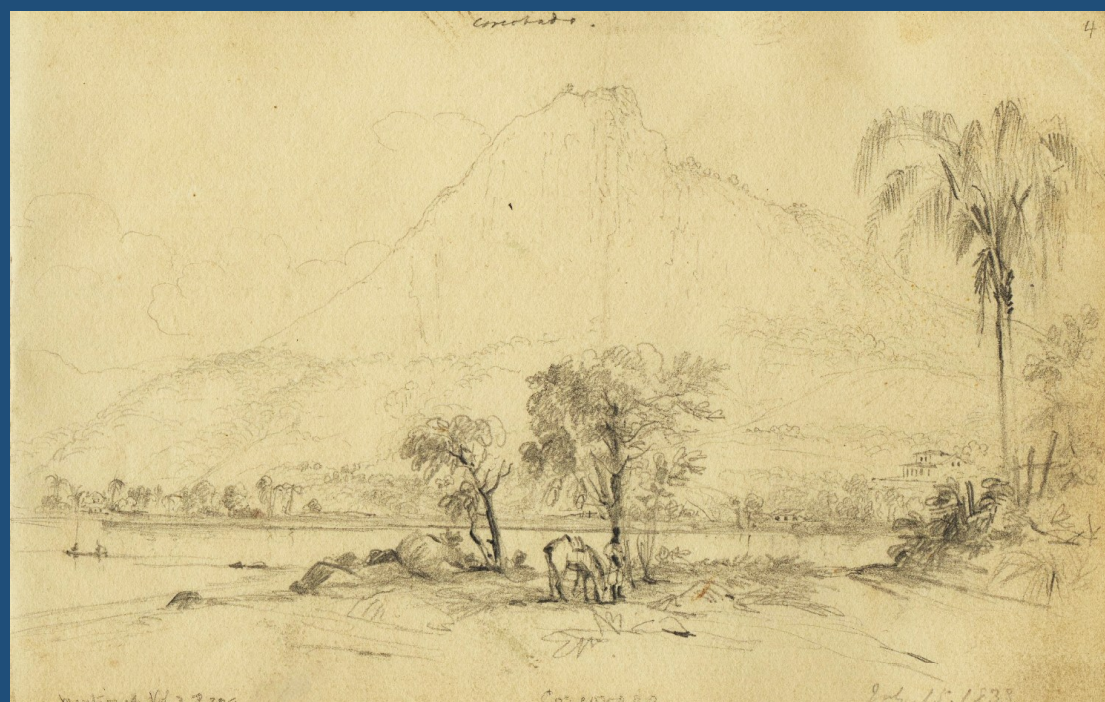
E várias **cigarras** e **grilos**, ao mesmo tempo, mantêm um grito estridente incessante, que, suavizado pela distância, não é desagradável. Todas as noites, após o anoitecer, começava esse grande **concerto natural**.

E tudo iluminado por brilhantes **vagalumes** verdes.





Enseada de Botafogo.



Corcovado.

Caderno de Esboços I, de Conrad Martens, 1834-1835, Navio Beagle.
Coleção Treasures Of The Library. Cambridge University Library.



Planária (*Geoplana vaginuloides*),
© Victor Hugo Rebecchi Siqueira, Magé, RJ, 2023.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.



**Macaco “barbudo”, Bugio Rubio (*Alouatta guariba*),
© Guillermo Andreo, Maquiné, RS, 2025.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.**



Jaguarundi (*Herpailurus yagouaroundi*),
© Rosabel Miro, Panamá, 2019.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.



Sapo de floresta (*Rhinella ornata*),
© heniosup, Magé, RJ, 2025.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.



Vaga lume verde (*Aspisoma physonotum*),
© Amanda Montanhini, Horto Florestal, SP, 2022.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC0-4.0.

Um dia fui ao **Jardim Botânico**, onde muitas plantas, de grande utilidade, podiam ser vistas crescendo. As folhas das árvores de cânfora, pimenta, canela e cravo eram deliciosamente aromáticas; e o fruta-pão, a jaca e a manga, competiam entre si pela magnificência de suas folhagens.

Em outra ocasião, comecei cedo e caminhei até a **Gávea**. Sentado em um bloco de granito, era delicioso observar os vários insetos e pássaros voando ao redor. Um **beija-flor** parecia apaixonado por esses locais sombreados.

Durante a estadia no Brasil, fiz uma grande coleção de insetos. Fiquei surpreso com os hábitos da **borboleta estaladeira** (*Hamadryas feronia*), pois embora seja voadora, ela pousa em troncos das árvores e fica de cabeça para baixo; com suas asas na horizontal, em vez de dobradas na vertical. Esta é a única borboleta que já vi usar as pernas para correr. Mas, um fato muito mais singular é que essa espécie faz estalidos semelhante ao produzido por uma roda dentada passando sob um travador de mola. O ruído continuava em intervalos curtos e podia ser escutado de longe.

Entretanto, fiquei decepcionado com os **coleópteros**. O número de **besouros minúsculos** e de **cor obscura** é extremamente grande. Também observei formigas e presenciei um grande **duelo mortal** entre uma **vespa Pepsí** e uma **aranha Lycosa!** As aranhas aqui são em número muito maior do que na Inglaterra.

Uma estadia realmente maravilhosa!





Beija-flor de frente violeta (*Thalurania glaucopis*),
© Cesar Lezama, Alto da Boa Vista, RJ, 2023.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.

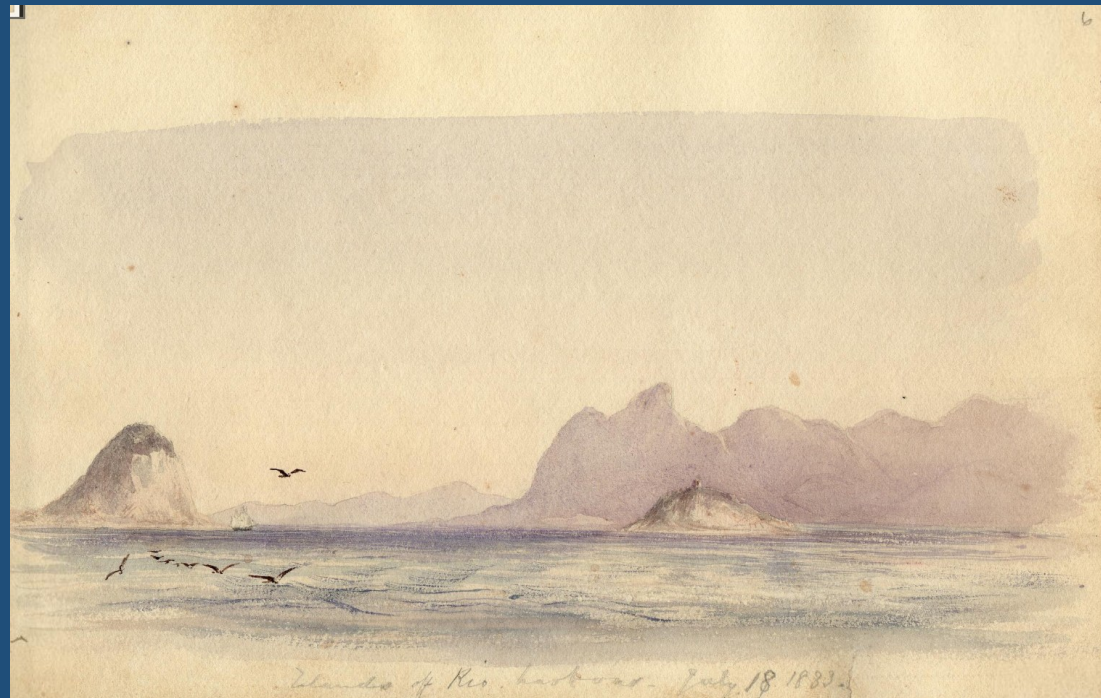


Borboleta estaladeira (*Hamadryas feronia*),
© sararancic, Iguaba Grande, RJ, 2019.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.





Pão de
Açucar.



Ilhas do Rio
de Janeiro.

Caderno de Esboços I, de Conrad Martens, 1834-1835, Navio Beagle.
Coleção Treasures Of The Library. Cambridge University Library.



**Marimbondo Cavalinho do Cão (Gênero *Pepsis*)
atacando uma aranha de grama (Gênero *Lycosa*).**

© Mason S., EUA, 2022.

Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.

Aranha tecendo sua teia (*Araneus venatrix*),
© Diogo Luiz, Rio de Janeiro, RJ, 2018.
Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-4.0.





Arremesso de macaco. Caderno de Esboços I, Conrad Martens, 1834-1835.

Relatos do século XIX sobre portos tropicais como o Rio de Janeiro, mencionam macacos serem levados para os navios como curiosidade ou mascotes. Muitas vezes, barqueiros locais vendiam macacos aos tripulantes. Para entregar o animal, usavam cordas ou pequenas caixas, lançando-as do barco para o navio — daí a expressão “arremesso de macaco”.

Era uma prática comum em regiões onde havia abundância de fauna exótica, e os marinheiros gostavam de levar animais como lembrança.

CONRAD MARTENS NO RIO DE JANEIRO

Gerado por Microsoft IA Copilot, 2025,
com edição de Paulo H. Colonese

Chegamos ao porto onde o céu se derrama,
Rio de Janeiro, moldura que inflama.
A enseada de Botafogo, calma e serena,
Reflete o Beagle, qual joia pequena.

Pão de Açúcar, guardião do mar,
Rochedo sublime, que ousa desafiar.
O Corcovado, em verde majestade,
Abraça a cidade com rara bondade.

Ilhas dispersas, como pérolas lançadas,
Entre águas azuis, tão bem desenhadas.
Cada traço que faço é um canto da luz,
Que dança nas ondas e ao céu seduz.

Oh, Rio dourado, teu arrebol me guia,
Traço tua essência, tua eterna poesia.
Pois nesta paisagem, tão viva e tão bela,
A natureza é rainha, suprema e singela.

TRISTES MEMÓRIAS: A ESCRAVIDÃO NO BRASIL

Em Salvador, observei a sociedade escravocrata brasileira e cenas de pessoas escravizadas trabalhando sob vigilância e castigos.

“A visão da escravidão é uma das coisas mais odiosas que já testemunhei.”

Em minhas caminhadas pelo Rio de Janeiro presenciei um homem escravizado ser açoitado e espancado e ouvi gritos de dor vindos de uma casa próxima. E observei pessoas escravizadas fugitivas serem recapturadas, quando uma mulher optou por se matar em vez de voltar a ser escravizada. E tomei uma decisão.

“Jamais voltarei a um país onde a escravidão existe.”

Em 1833, escrevi uma carta ao meu mentor, J. S. Henslow em Cambridge:

“A lembrança da escravidão no Brasil é uma das mais dolorosas da minha vida.”

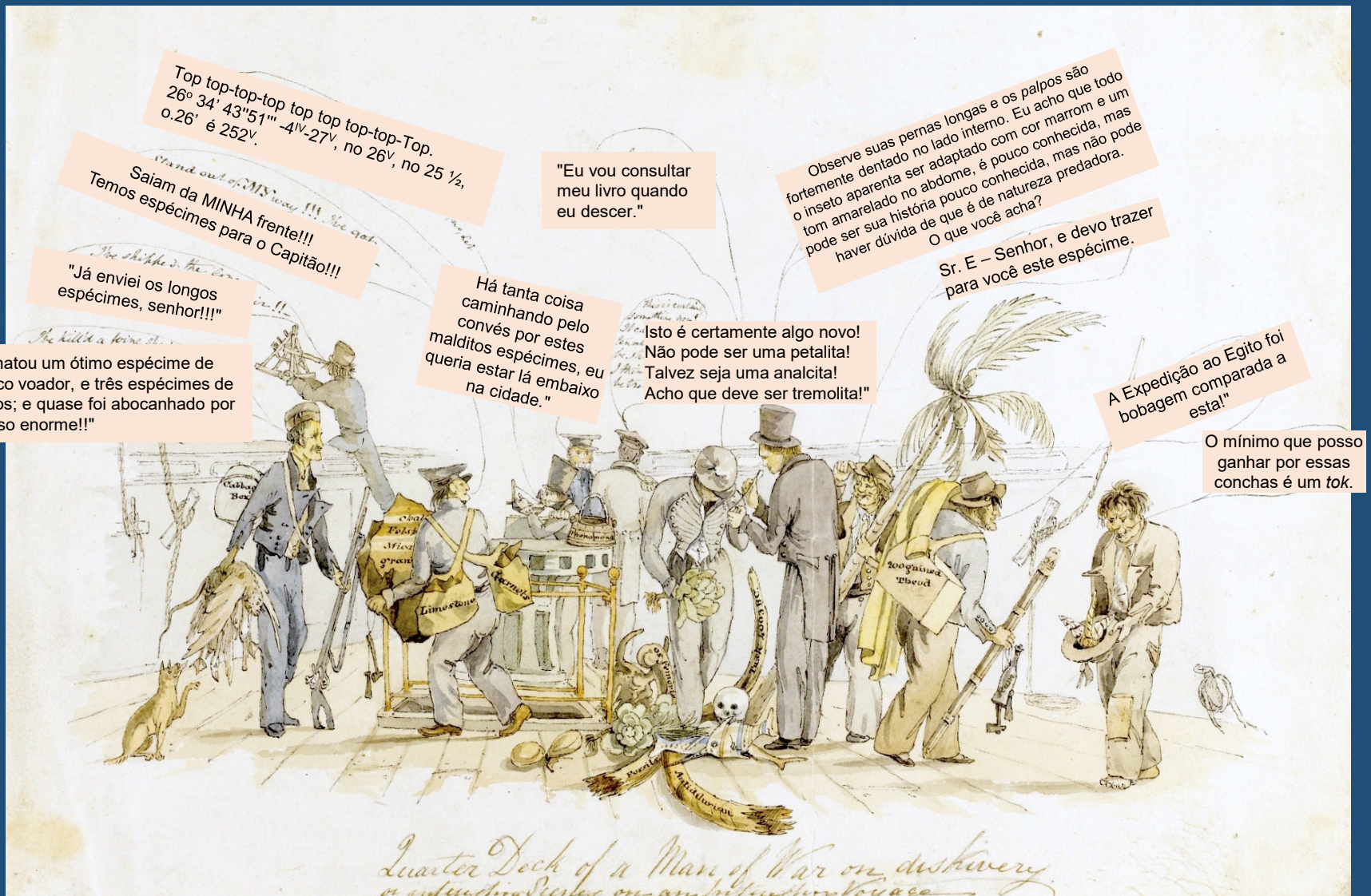
Anos mais tarde, dediquei um trecho do livro “*Voyage of the Beagle*” (1839) à questão da escravidão no Brasil:

“Não posso pensar sem horror na crueldade que testemunhei. Como homens educados e religiosos podem defender tal prática é algo que nunca compreenderei.”

[Ainda seriam necessários cinquenta anos para o Brasil encerrar essa monstruosidade].



Quarter Deck of a Man of War on Diskivery (sic) or Interesting Scenes on an Interesting Voyage,



Convés de popa de um navio de guerra em descoberta (sic) ou Cenas Interessantes em uma Viagem Interessante

Pintura da tripulação do HMS Beagle presumido do artista de bordo Augustus Earle,
na costa da Argentina (em Bahía Blanca) por volta de 24 de setembro de 1832.

O registro de latitude e longitude na imagem,
indica a costa da Argentina, ao norte de Buenos Aires.

ARGENTINA, TERRA DO FOGO E PATAGÔNIA

O Beagle entrou no estuário do Río de la Plata, na Argentina, em julho de 1832, permanecendo em ancoradouros próximos à cidade, e eu pude explorar o interior pouco depois.

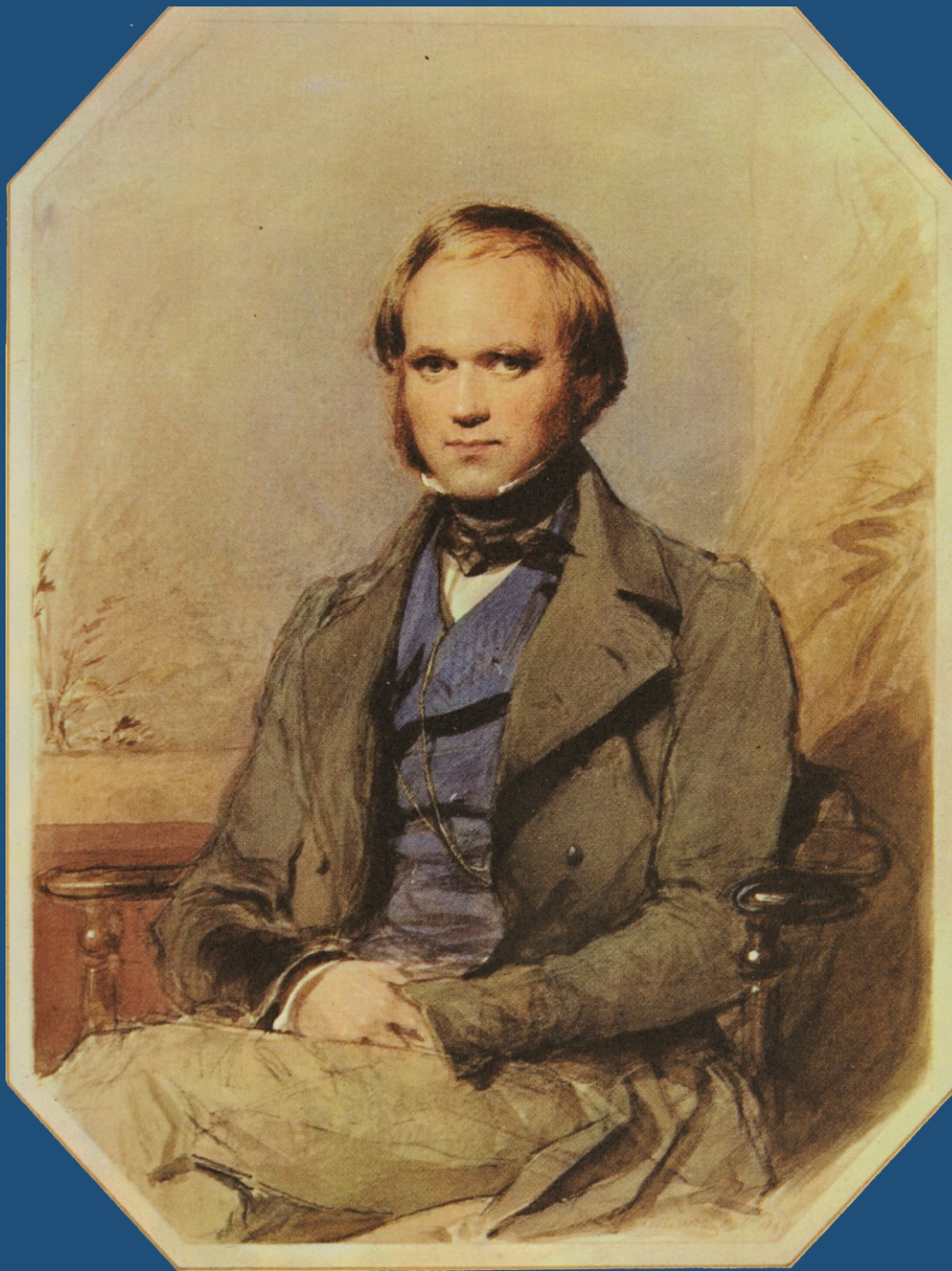
A embarcação atracou no porto de Buenos Aires e ancorou frente à área portuária costeira para que eu fizesse escavações em 24 de setembro. Quando desembarquei, fiz excursões pelo interior até *Punta Alta* e *Monte Hermoso*, onde encontrei **fósseis** da extinta **[Preguiça Gigante] *Megatherium*** próximos à colina costeira, ao lado de moluscos de duas conchas modernos, uma evidência importante para o estudo da variação das espécies.

Em dezembro de 1832, exploramos a região da **Tierra del Fuego**, para observar o clima, a vegetação e interagimos com os povos **Yaghanes** da região que me impressionaram com sua resistência ao frio e modo de vida simples.

Em 1833, entre abril e maio, naveguei com FitzRoy pelo Rio Santa Cruz na Patagônia, para estudar a formação de rochas e cânions.

Em agosto de 1833, passamos pelo porto fluvial de Carmen de Patagones, atracando no Rio Negro. Foi lá que encontrei o comandante militar Juan Manuel de Rosas, nas cruéis e violentas **Campanhas do Deserto** contra os povos indígenas da **Patagônia** e dos **Pampas**: os **Mapuche** (ou Araucanos) **Tehuelche**, **Puelche**, **Ranqueles** e **Pehuenche**.





Charles Darwin, 1840,
por George Richmond.
Acervo Museu Darwin,
Down House, Downe,
Reino Unido.

**CHARLES DARWIN
NAS GALÁPAGOS**



E finalmente, em setembro de 1835, o HMS Beagle chegou às Ilhas das Galápagos, um dos lugares mais incríveis que eu visitei.

Um arquipélago bem na Linha do Equador, cheio de animais únicos e fascinantes.

Cada ilha tem um nome oficial em espanhol que difere dos nomes que usamos na marinha inglesa.

O arquipélago tem 10 ilhas principais, das quais 5 são as maiores. Eu não visitei todas as ilhas, apenas quatro delas.

Cada visita foi simplesmente incrível. Me acompanhe nas minhas excursões pelas ilhas”





Visite a versão geo-tridimensional das Ilhas das Galápagos no Geo Aplicativo [Geomorphons](#) e no [Visor Cartográfico](#) da Charles Darwin Foundation.

ILHA DE CONDE DE CHATHAM (SAN CRISTÓBAL)

Estive na **Ilha de San Cristóbal** de 16 a 23 de setembro de 1835.

O nome é uma homenagem ao padroeiro dos viajantes.

A marinha inglesa homenageou William Pitt, **1º Conde de Chatham**, com o nome inglês da ilha.

Nos desembarques, fiquei impressionado com a paisagem rochosa e suas formações de lava. A ilha vulcânica de **Fernando Noronha**, situada em muitos aspectos sob condições quase semelhantes, é o único outro país onde vi uma vegetação parecida com esta das Ilhas das Galápagos.

Logo comecei a coletar amostras de **plantas** e a observar **animais** da ilha. Consegui coletar poucas plantas. Os **arbustos** parecem tão sem folhas mesmo que estivessem em plena folhagem.

Encontrei **acácias** e grandes **cactos** de aparência estranha, os únicos a oferecer alguma sombra nas ilhas.

A **acácia** (*Vachellia rorudiana*) é uma das únicas representantes do gênero de acácias no arquipélago.

O **cacto-figo** (*Opuntia galapageia*) tem variedades adaptadas a diferentes ilhas.

O **cacto de lava** (*Brachycereus nesioticus*) coloniza fluxos de lava em diversas ilhas.

O **cacto-candelabro** (*Jasminocereus thouarsii*) pode alcançar até 5 ou 7 metros de altura.





Acácia de Galápagos (*Vachellia rorudiana*).
© santacruz2. Santa Cruz, Galápagos, Equador, 2024.
Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.



Cactus figo (*Opuntia galapageia*).
© oregoncent. Floreana, Galápagos, Ecuador, 2022.
Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.



Cactos de Lava (*Brachycereus nesioticus*).
© Tom Benson. Fernandina, Galápagos, Equador, 2025.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.



Cacto Candelabro (*Jasminocereus thouarsii*).
© David Bell. Isabela, Galápagos, Equador, 2019.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.

Em San Cristóbal, vi pela primeira vez, as **tartarugas terrestres gigantes**

O dia estava escaldante, e a escalada pela superfície áspera e pelos matagais intrincados era muito cansativa; mas fui bem recompensado por uma cena magnífica.

Enquanto eu caminhava, **encontrei duas grandes tartarugas**, cada uma devia pesar pelo menos duzentos quilos.

Uma delas estava comendo um pedaço de cacto e, quando me aproximei, ela me encarou e se afastou devagar. A outra soltou um sibilo profundo e puxou a cabeça para dentro.

Esses répteis enormes, cercados pela lava negra, arbustos sem folhas e grandes cactos, abriram a minha imaginação e a minha curiosidade.

Acredito que essas tartarugas são encontradas em todas as ilhas do arquipélago. Eles ficam de preferência nas partes mais úmidas, mas também vivem nas regiões mais baixas e áridas. Algumas crescem até um tamanho imenso.

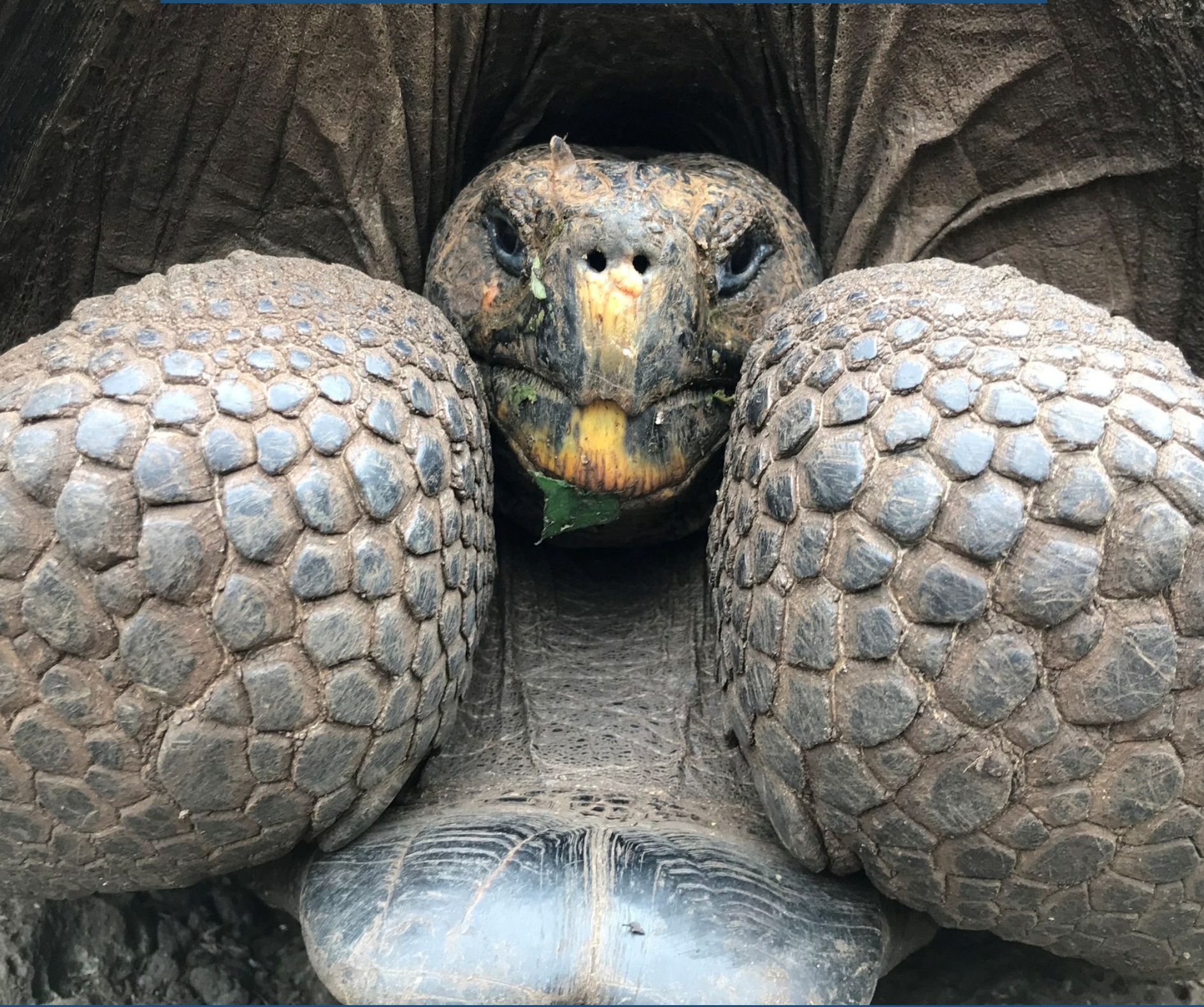
O vice-governador da colônia, Sr. **Nicolai Olaus Lossius**, disse que viu várias tão grandes que eram necessários seis ou oito homens para levantá-las do chão; e que algumas podiam dar até 90 quilos de carne. Ele comentou que os moradores conseguiam descobrir a origem das tartarugas pela forma de seus cascos, um fato curioso!





Tartaruga gigante de São Cristóvão (*Chelonoidis niger* ssp. *chathamensis*).
© Jenn Megyesi. São Cristóvão, Galápagos, Equador, 2015.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.

Tartaruga gigante de São Cristóvão (*Chelonoidis niger* ssp. *chathamensis*).
© animalencounters. Galápagos, Equador, 2021.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.



Tartaruga gigante de São Cristóvão (*Chelonoidis niger* ssp. *chathamensis*).
© animalencounters. Galápagos, Equador, 2021.
Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.



ILHA REI CHARLES II (FLOREANA)

Fiquei na Ilha de Floreana (Rei Charles II, para ingleses) durante apenas quatro dias, de 24 a 28 de setembro de 1835.

Ao desembarcar, fui recebido por **Nicolai Olaus Lossius**, o administrador da colônia penal na ilha.

Ele fez um passeio com a nossa tripulação pela colônia e contou muitas histórias interessantes sobre a vida na ilha.

Caminhamos por **matas sem folhas**, como na Ilha Chatham.

Mais acima, a floresta foi ficando mais verde; e quando cruzamos a crista da ilha, fomos refrescados por uma brisa suave do sul, e nossa visão renovada por uma vegetação verde e vibrante.

Nesta região superior, abundam **gramíneas** grossas e as zonas áridas e costeiras de Galápagos incluem espécies como vários gêneros de capim e pastagens costeiras.

Um exemplo típico é a ***Paspalum vaginatum***, que ocorre em ambientes de praia e áreas perturbadas.

E **samambaias** como a variedade ***Asplenium formosum*** variedade ***carolinum*** e a ***Thelypteris tetragona*** subespécie **aberrans**, mas não vi **samambaias em árvores**.





Gramíneas (*Paspalum vaginatum*).
© Robin. Isabela, Galápagos, Equador, 2019.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.



Samambaias (*Asplenium formosum*).
© John G. Phillips. Galápagos, Equador, 2018.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.



Samambaias (*Goniopteris tetragona*).

© Susan Fawcett. Isabela. Galápagos, Equador, 2018.

Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.

ILHA REI CHARLES II (FLOREANA)

O naturalista **James Colnett**, um capitão e explorador britânico, em **1793**, durante sua expedição ao arquipélago, observou aves grandes e rosadas em lagoas salinas.

São os **flamingos cor-de-rosa** (*Phoenicopterus ruber*), mas eu não registrei essas belas aves quando estive em Galápagos.

Elas têm uma plumagem de um rosa vibrante, resultado de sua dieta rica em camarões e algas.

E possuem longas pernas e pescoços, que usam para vasculhar a lama em busca de comida.

Encontrei também pássaros parecidos com os “*tordos*” europeus, mas diferentes, os belos **Sabiás de Floreana** (*Mimus trifasciatus*).

Encontrei **boobies** (**atobás**) a reproduzir-se em grande número.

Eles são bobos, não se assustam nem com um tiro.

Em várias das ilhas, observei com prazer os belos bandos de atobás vivazes, pescando, nadando e brincando o dia todo entre as ondas quebrando.





Flamingo das Caraíbas (*Phoenicopterus ruber*).
© emiliopazminousfq. Santa Cruz, Equador, 2016.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.





Sabiá de Floreana (*Mimus trifasciatus*).
© John and Nancy Crosby. Ecuador, 2010.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.





Atobá de Pés Azuis (*Sula nebouxii* ssp. *excisa*).
© Buckwheat Bastard. San Cristóbal, Equador, 2024.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.



Imagem de satélite de ilhas Galápagos
Satélite Copernicus Sentinel (2020),
processada pela ESA. Licença CC BY-SA 3.0.

ILHA DE DUQUE ALBERMALE (ISABELA)

Fiquei na Ilha de Isabela (Duque Albermale para ingleses), a maior ilha de todas, durante apenas quatro dias, de 29 de setembro a 4 de outubro de 1835. Ela possui uma paisagem vulcânica esplêndida. Dizem que ela se parece com um cavalo-marinho.

Em Isabela, ouvi falar dos **pinguins-das-galápagos** (*Spheniscus mendiculus*), pequenos e ágeis nadadores.

Eles se adaptaram ao clima quente das Galápagos, mas ainda precisam de águas frias para sobreviver, por isso nadam nas correntes frias de Galápagos.

São os únicos pinguins que vivem perto da linha do Equador.

E também ouvi falar das aves aquáticas **cormorões-das-galápagos** (*Phalacrocorax harrisi*) de olhos azuis que perderam a capacidade de voar, mas são excelentes mergulhadoras. Elas têm penas que não são totalmente impermeáveis, o que os ajuda a afundar na água para capturar peixes.

Não registrei nenhum deles em meus diários, pois eles habitam o outro lado da ilha que eu não visitei.

Mas observei várias outras aves como **sabiás** (*Mimus parvulus*), **pombas** (*Zenaida galapagoensis*), **fragatas** e **atobás** na costa da ilha.



Pinguim de Galápagos
(*Spheniscus mendiculus*).

© ktnt. Equador, 2018.

Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.





Cormorão de Galápagos
(*Nannopterum harrisi*).

© Kathleen Dobson.

Equador, Isabela, 2021.

Acervo [iNaturalist](#).

Licença CC-BY-NC-4.0.



Imitador-das-Galápagos (*Mimus parvulus*).

© Laura Gooch. Equador, 2009.

Acervo iNaturalist.

Licença CC-BY-NC-ND-4.0.



Rola-de-Galápagos
(*Zenaida galapagoensis*).
© Bill Levine. Equador, 2024.
Acervo [iNaturalist](#).
Licença CC-BY-4.0.





Rabiforcado-Magnífico (*Fregata magnificens*)
© Kenneth Lorenzen. Santa Cruz, Ecuador, 2011.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-4.0.



Iguana marinha de Galápagos (*Amblyrhynchus cristatus*),
em rochedo com Atobás de pés azuis.
© Mark Wilson. Isabela. Galápagos, Equador, 2017.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.



Um dia, ficamos quase sem limite entre a Ilha Albemarle (Isabela) e a Ilha Narborough (Fernandina).

Ambas estão cobertas por imensas enxurradas de lava negra que se espalharam por quilômetros da costa.

Em ambas as ilhas, sabe-se que ocorreram erupções; e em Albemarle, vimos um pequeno jato de fumaça se enrolando do topo de uma das grandes crateras.

Uma cratera mais ao sul, havia um **lago raso**, no meio do qual uma pequena cratera formava um ilhéu.

O dia estava muito quente, e o lago parecia claro e azul: desci apressado a encosta de cinzas e, sufocado pela poeira, provei a **água** com entusiasmo — mas, para minha tristeza, achei **salgada** como **salmoura**.

Existem duas espécies de lagartos confinados às Ilhas Galápagos, que se assemelham em forma geral, a **Iguana terrestre** e a **Iguana aquática**.

Nas rochas na costa abundavam grandes **lagartos pretos**, com entre 90 a 120 centímetros de comprimento; e nas colinas, uma espécie feia de cor **amarelo-marrom** era igualmente comum.



A **iguana aquática** foi caracterizada pela primeira vez pelo Sr. Bell, que previu bem, pelas suas características, que ela poderia ser aquática.

Ela é extremamente comum em todas as ilhas e vive nas praias rochosas do mar. Eu nunca vi uma, nem mesmo a dez metros da costa.

Eu não consegui apreciar a sua beleza, e escrevi em meu diário: “É uma criatura horrível, de cor preta suja, estúpida e lenta em seus movimentos”.

O comprimento usual de um adulto é cerca de 90 centímetros, mas alguns chegam até 120 centímetros de comprimento; um grande pesava 9 quilos. Ness ilha de Albemarle, eles parecem crescer até um tamanho maior do que em outros lugares. Suas caudas são achatadas de lado e todas as quatro patas parcialmente palmadas.

Ocasionalmente, as vemos a cerca de cem metros da costa, nadando; e o Capitão James Collnett, em sua viagem a bordo do HMS Ratller (1798), disse:

"Eles vão para o mar em bandos pescar, e tomam sol nas pedras”.

No entanto, foi um grande erro supor que eles vivem de peixes. Quando está na água, esse lagarto nada com perfeita facilidade e rapidez, por um movimento serpentino do corpo e da cauda achatada — as pernas ficam imóveis e dobradas de lado.



Iguana marinha e Lagartixa de Lava de Galápagos
(*Amblyrhynchus cristatus* e *Microlophus albemarlensis*).
© zimmwisdom. Isabela. Galápagos, Equador, 2022.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.



Um marinheiro afundou um deles, com um peso, pensando assim matá-lo; mas uma hora depois, ao puxar a linha, ele estava vivo. Portanto, são adaptados a ficar bastante tempo embaixo d'água. Seus membros e garras fortes são adaptados para rastejar sobre as massas acidentadas e fissuradas de lava, que formam a costa.

Quando abri os estômagos de alguns, encontrei apenas algas marinhas de cor verde ou vermelha que crescem no fundo do mar, a uma certa distância da costa. Assim, o motivo deles saírem para o mar está explicado.

A alimentação, a estrutura da cauda e patas e o fato de serem vistos nadando no mar, provam seus hábitos aquáticos.

No entanto, há um fato estranho, quando assustados, não entram na água. E quando muito assustados, espirram uma gota de fluido de cada narina. Eu joguei uma várias vezes em uma piscina profunda deixada pela maré, mas ele sempre retornava direto até o local onde eu estava. Impulsionado por um instinto de que a costa é seu local seguro, seja qual for a emergência, é lá que ele sempre busca refúgio.

Em outubro, vi poucos indivíduos pequenos dessa espécie. Assim, parece provável que a temporada de reprodução ainda não tivesse começado. E os habitantes locais não sabiam dizer onde colocam seus ovos.





Iguana terrestre de Galápagos
(*Conolophus subcristatus*).
© Simon Pierce. Galápagos,
Equador, 2023. Acervo [iNaturalist](#).
Licença CC-BY-NC-4.0.

Agora vamos falar da **iguana terrestre (A. Demarlii)**, com cauda arredondada e dedos sem teias. Ele não é encontrado como o aquático em todas as ilhas, está confinado às ilhas Albemarle, James, Barrington e Indefatigable.

Alguns desses lagartos habitam as partes altas e úmidas das ilhas, mas são muito mais numerosos próximos à costa. Quando ficamos na Ilha James, nem conseguimos encontrar por algum tempo um lugar livre de suas tocas para montar nossa tenda.

São animais feios, de um tom amarelado laranja por baixo e de cor avermelhada marrom por cima: pelo ângulo baixo do rosto, têm uma aparência singularmente estúpida.

Eles são de tamanho um pouco menor que as espécies marinhas; mas vários deles pesavam entre 4,5 a 7 quilos.

Quando não estão assustados, eles rastejam lentamente com as caudas e a barriga arrastando pelo chão. Costumam parar e cochilar por um ou dois minutos, com os olhos fechados e as patas traseiras espalhadas sobre o solo seco.

Observei um lagarto fazer sua toca, alternando os lados opostos do corpo na escavação, por muito tempo, até metade do corpo ser enterrado; Então me aproximei e puxei pelo rabo. Ele ficou muito surpreso e então me encarou de frente, quase dizendo: "O que te fez puxar meu rabo?"



Iguana terrestre de Galápagos
(*Conolophus subcristatus*).

© mckennagr. Galápagos,
Equador, 2025.

Acervo iNaturalist.

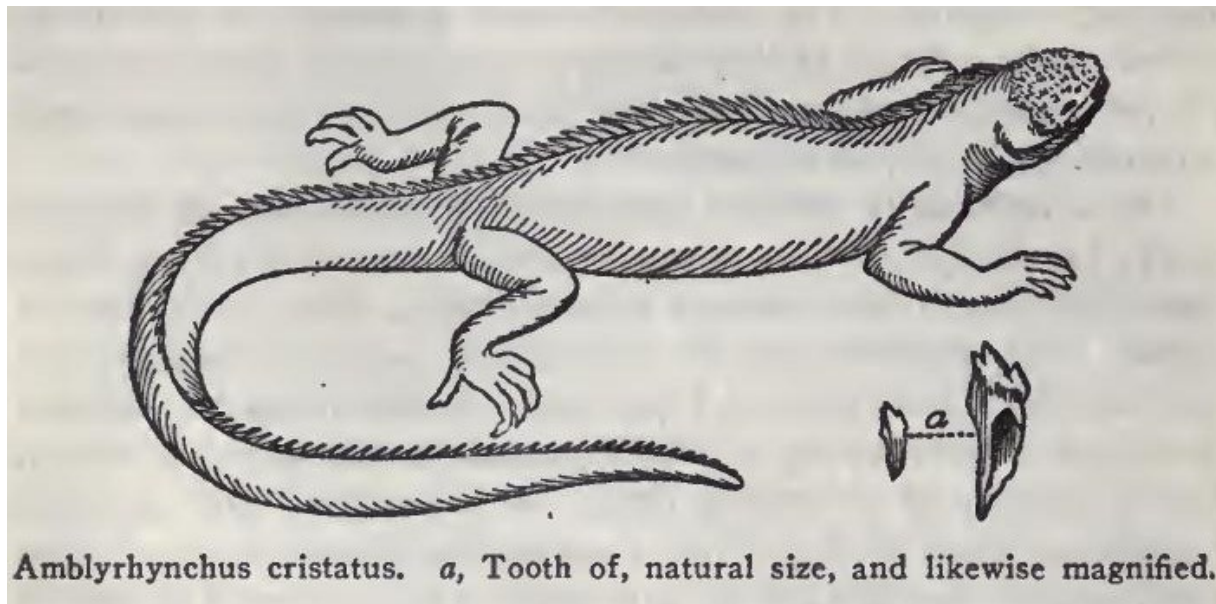
Licença CC-BY-NC-4.0.



Os indivíduos, e são a maioria dos habitantes do interior do país, mal conseguem sentir uma gota de água durante o ano; mas consomem grande parte do cacto succulento, cujos galhos às vezes são quebrados pelo vento.

Várias vezes jogava um pedaço para dois ou três deles quando estavam juntos; E já era divertido o suficiente vê-los tentando agarrar e levar a porta na boca. Eles comem de forma muito deliberada, mas não mastigam a comida.

Os passarinhos sabem o quão inofensivos são esses bichos: vi um dos tentilhões-de-bico-grosso beliscando uma das pontas de um cacto (que é muito apreciado por todos os animais da região inferior), enquanto um lagarto comia na outra ponta; e depois o passarinho pulou nas costas do réptil, com a máxima indiferença.



ILHA DE SANTIAGO (REI JAMES II)

Chegamos na Ilha de Santiago (Rei James II) no dia 8 de outubro de 1835 e ficamos até o dia 19 de outubro. A ilha tem extensões de lava solidificada, um cone vulcânico central e crateras secundárias, com a presença de túneis de lava e campos de cinzas vulcânicas.

O Sr. **Benjamin Bynoe**, cirurgião do HMS Beagle, eu e nossos criados ficamos aqui por uma semana, com provisões e uma tenda, enquanto o Beagle foi buscar água. Aqui encontramos um grupo de espanhóis, que haviam sido enviados da Ilha Charles para **secar peixe e salgar carne de tartaruga**.

Caminhamos quase 10 quilômetros para o interior, e subimos cerca de 600 metros de altura, até uma cabana onde dois homens viviam, e trabalhavam na captura de tartarugas. Enquanto estávamos no alto, vivíamos inteiramente de **carne de tartaruga**. O **peitoral assado** é muito bom; e as jovens tartarugas fazem uma **sopa** excelente.

Como nas outras ilhas, a região inferior era coberta por **arbustos quase sem folhas**, mas as **árvores** aqui tinham um crescimento maior do que em outros lugares.

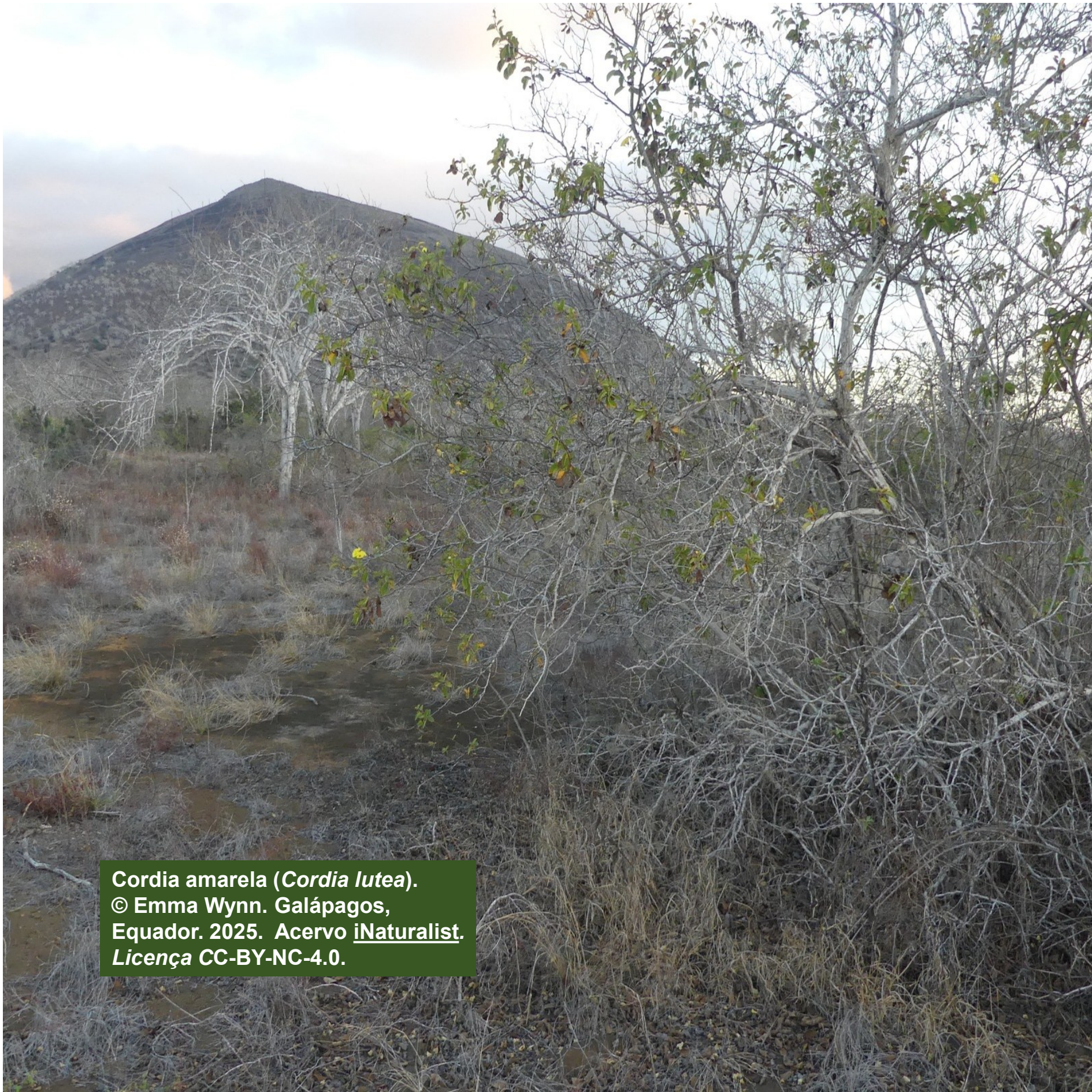
Eu caminhei pelos campos de lava e observei crateras e fluxos de lava antigos e grandes **cactos (*Opuntia galapageia*)**.

E fiz anotações sobre a geologia da ilha, imaginando como ela poderia ter se formado.

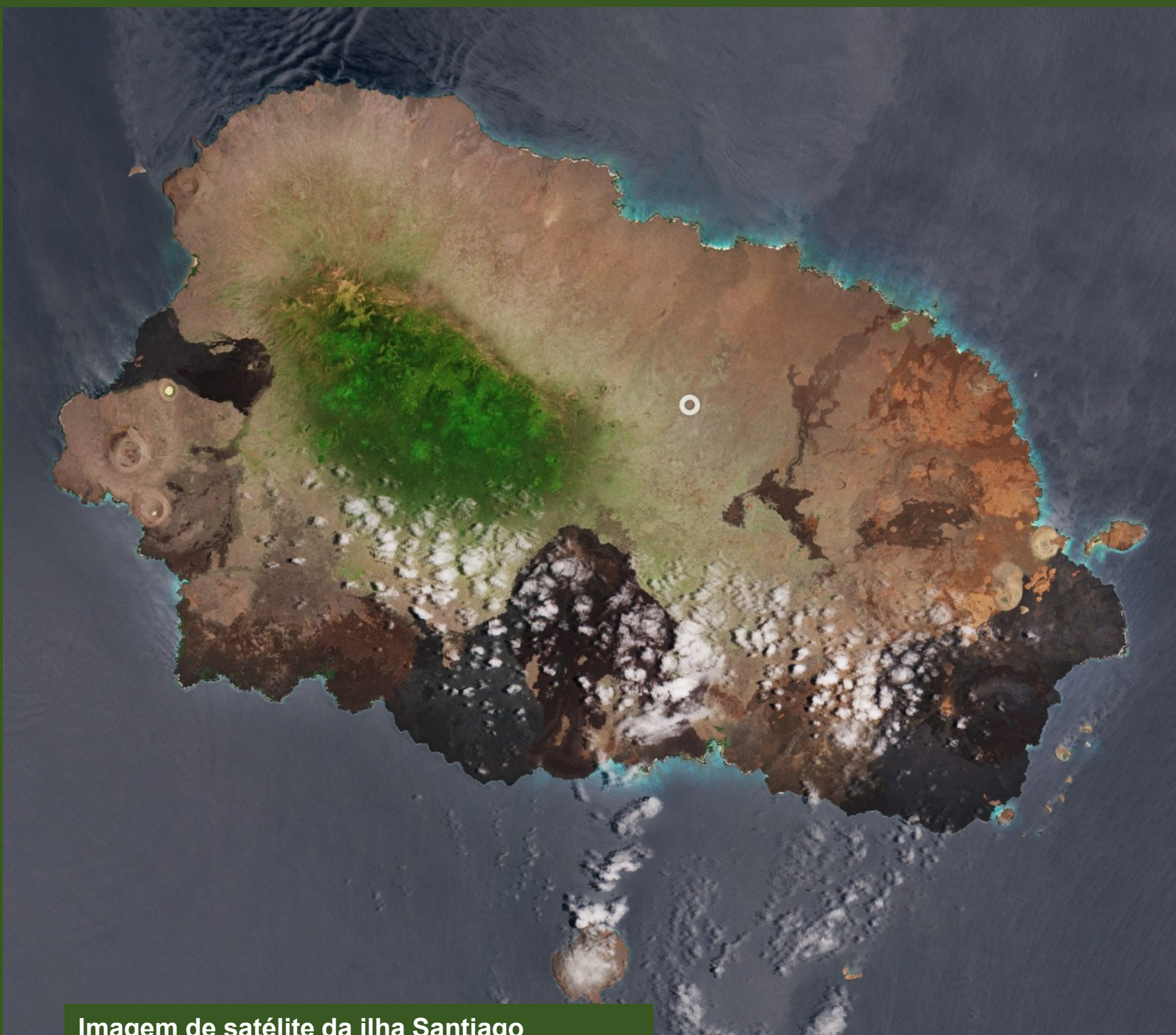




***Cordia amarela* (*Cordia lutea*).**
© kunterako. Santiago.
Galápagos, Equador. 2025.
Acervo [iNaturalist](#).
Licença CC-BY-NC-4.0.



***Cordia amarela* (*Cordia lutea*).**
© Emma Wynn. Galápagos,
Equador. 2025. Acervo [iNaturalist](#).
Licença CC-BY-NC-4.0.



**Imagem de satélite da ilha Santiago
Satélite Copernicus Sentinel (2020),
processada pela ESA. Licença CC BY-SA 3.0**



Cactus (*Opuntia galapageia*).
© Marcela Fonseca. Galápagos, 2025.
Acervo iNaturalist.
Licença CC-BY-NC-4.0.

Eu vi mais **iguanas terrestres** (*Conolophus subcristatus*) e **iguanas marinhas** (*Amblyrhynchus cristatus*) nas áreas costeiras. Elas se adaptaram ao ambiente seco da ilha, comendo cactos e outras plantas resistentes.

Observei muitas **tartarugas gigantes** (*Chelonoidis niger ssp. darwini*) na ilha. Elas eram um pouco **diferentes** das de outras ilhas, o que me chamou a atenção.

Os machos idosos são os maiores, e as fêmeas raramente crescem a esse tamanho: o macho pode ser distinguido da fêmea pelo maior comprimento da cauda. As tartarugas que vivem nas ilhas onde não há água, ou nas partes inferiores e áridas das outras, alimentam-se principalmente do cacto suculento. Aquelas de regiões mais altas e úmidas comem as folhas de várias árvores, uma fruta chamada **guayavita** e também um líquen verde-pálido (*Usnera plicata*), pendurado em galhos das árvores.

A tartaruga gosta muito de água, bebe grandes quantidades e se afunda na lama.

As ilhas maiores possuem nascentes, sempre situadas nas partes centrais, e em uma altura considerável. As tartarugas da costa, portanto, quando têm sede, viajam uma longa distância. Assim, trilhas largas se ramificam em todas as direções, desde os poços até a costa do mar; e os espanhóis, ao segui-los, descobrem os pontos de água.



Tartaruga gigante de Santiago
(*Chelonoidis niger* ssp. *darwini*).
© zoeeliades. Galápagos, 2022.
Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.



Perto das nascentes era um espetáculo curioso ver muitas dessas enormes criaturas, um grupo viajando ansiosamente com o pescoço estendido, e outro retornando, depois de se fartar.

As tartarugas, viajam dia e noite, e chegam ao fim da jornada muito antes do esperado. Uma grande tartaruga, que observei, andou a uma velocidade de 300 metros em uma hora — dando um pouco de tempo para ela comer na estrada.

Quando a tartaruga chega à nascente, ela enterra a cabeça na água acima dos olhos e engole grandes garfadas, cerca de dez em um minuto. Os habitantes dizem que cada animal fica três ou quatro dias nas proximidades da água e depois retorna para a região mais baixa.

É incrível as tartarugas sobreviverem nessas ilhas, onde não há outra água além da que cai durante alguns dias chuvosos do ano.

Após uma visita às nascentes, as **bexigas urinárias** das tartarugas ficam distendidas com líquido, que aos poucos diminui de volume e se torna menos puro. Uma reserva de água no próprio corpo é uma adaptação incrível!

Os habitantes da ilha, com sede, bebem o conteúdo da bexiga cheia: Em uma que vi morta, o fluido era límpido e com um gosto levemente amargo. Os habitantes, no entanto, sempre bebem primeiro a **água do pericárdio** que lubrifica o coração, pois dizem que é melhor.





Tartaruga gigante de Santiago
(*Chelonoidis niger* ssp. *darwini*).
© Andy Jones. Galápagos, 2009.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.

ADEUS ILHAS DAS TARTARUGAS GIGANTES (GALÁPAGOS)

O Sol começava a se esconder atrás das rochas negras, tingindo o céu com tons de fogo e ouro. Eu estava no convés do *HMS Beagle*, sentindo o balanço suave do navio enquanto as ondas sussurravam histórias antigas. À minha frente, as Ilhas Galápagos se afastavam lentamente, como se não quisessem me deixar partir.

Quantos segredos vocês me revelaram! Cada tartaruga gigante, cada iguana marinha, cada frágil fragata no céu... tudo parecia falar comigo, como páginas vivas de um livro que eu jamais poderia fechar. Aqui aprendi que a vida não é estática; ela muda, se adapta, luta para existir.

Vocês me ensinaram a olhar para cada detalhe — o bico de um tentilhão, a cor de uma concha — e ver nele uma história de sobrevivência.

Eu levo comigo algo maior que lembranças: levo perguntas, ideias, sonhos. Um dia, talvez, essas reflexões ajudem o mundo a entender que a natureza é uma artista paciente, moldando tudo com tempo e necessidade.

Obrigado, Galápagos, por cada passo nas trilhas vulcânicas, por cada sopro de vento salgado. Vocês não são apenas ilhas; são um laboratório vivo, um mestre silencioso. Enquanto as velas do Beagle se enchem e o horizonte me chama, prometo: nunca esquecerei o que aprendi em suas ilhas.



Gravura de tartarugas-
gigantes das Ilhas
Galápagos.
Gustav Mützel
The Royal Natural History,
Vol. 9, p. 54; 1896, editada
por Richard Lydekker.
Acervo Wikipedia.



GIANT TORTOISES OF THE GALAPAGOS ISLANDS.

**DE VOLTA À COSTA
DO BRASIL**



A LUXUOSA EXUBERANTE NATUREZA

1º de agosto de 1836, de novo na Bahia

Ao sair da **Ilha de Ascension**, no meio do Oceano Atlântico, navegamos para a Bahia, na costa do Brasil, para completar a **medição cronométrica do mundo**. Chegamos lá em 1º de agosto e ficamos quatro dias, durante os quais fiz várias **longas caminhadas**.

Fiquei feliz ao perceber que meu prazer com **paisagens tropicais** não diminuiu por falta de novidade, nem um pouco.

O país pode ser descrito como uma planície plana de cerca de 90 metros de altitude, que em todas as partes foi desgastada em vales de fundo plano. (...) Toda a superfície é coberta por vários tipos de **árvores imponentes**, intercaladas com manchas de **terra cultivada**, das quais surgem casas, conventos e capelas.

É preciso lembrar que, dentro dos trópicos, a **luxuosa exuberância selvagem da natureza** não se perde nem mesmo nas proximidades das grandes cidades: pois a vegetação natural das cercas vivas e encostas supera, em efeito pitoresco, o trabalho artificial do homem..

(...) As casas, devo acrescentar, e especialmente os edifícios sagrados, são construídas em um estilo arquitetônico peculiar e bastante fantástico. Todos são caiados de branco; assim, quando iluminados pelo sol brilhante do meio-dia, e vistos contra o céu azul pálido do horizonte, eles se destacam mais como sombras do que como prédios reais.



Tais são os elementos da paisagem, mas é uma tentativa inútil de pintar o efeito geral. (...) pois:

Quem mais, ao ver uma planta em um **herbário**, pode imaginar sua aparência ao crescer em seu solo nativo?

Quem, ao ver plantas escolhidas em uma **estufa**, consegue ampliar algumas em dimensões de árvores de floresta e amontoar outras em uma selva emaranhada?

Quem, ao examinar no **gabinete** do entomologista, as borboletas exóticas e alegres e as cigarras singulares, associará a esses objetos sem vida, à música incessante e áspera dos últimos e ao voo preguiçoso dos primeiros,--os acompanhamentos seguros do meio-dia calmo e luminoso dos trópicos?

É quando o sol atinge seu auge que tais cenas devem ser observadas: então a densa e esplêndida folhagem da **manga** (*Mangifera indica*) esconde o chão com sua sombra mais escura, enquanto os galhos superiores são formados pela profusão de luz do verde mais brilhante.

Ao caminhar silenciosamente pelos caminhos sombreados e admirar cada vista sucessiva, eu queria encontrar uma linguagem para expressar minhas ideias, sem sucesso.



Quão grande seria o desejo de todo **admirador da natureza** de **contemplar**, se tal fosse possível, a **paisagem de outro planeta!**

Mas para toda pessoa na Europa, pode-se realmente dizer que, a apenas alguns graus de distância de sua terra natal, as glórias de outro mundo se lhe abrem.

Na minha última caminhada, parei repetidas vezes para **contemplar essas belezas** e tentei **fixar em minha mente para sempre**, uma impressão que, na época, eu sabia que mais cedo ou mais tarde deveria fracassar.

A forma

da laranjeira,
do coco,
da palmeira,
da manga,
da samambaia arborícola,
da banana,
permanecerá clara e separada;

mas as **mil belezas que unem tudo em uma cena perfeita** devem desaparecer: ainda assim, deixarão, como um **conto** ouvido na infância, um quadro **cheio de figuras** indistintas, mas **as mais belas**.



PERNAMBUCO, CIDADE DOS RECIFES

6 de agosto de 1836.

À tarde, partimos para o mar, com a intenção de seguir um curso direto para as Ilhas de Cabo Verde. Ventos desfavoráveis, no entanto, nos atrasaram, e no dia 12 encontramos **Pernambuco**, uma grande cidade na costa do Brasil, na latitude 8 graus Sul.

Ancoramos fora do **recife**; mas em pouco tempo um piloto embarcou e nos levou até o porto interno, onde ficamos próximos à cidade.

Pernambuco é construído sobre alguns bancos de areia estreitos e baixos, separados entre si por canais baixos de água salgada.

As três partes da cidade são conectadas por duas longas pontes construídas sobre estacas de madeira.

A cidade é nojenta em todos os aspectos, as ruas são estreitas, mal pavimentadas e imundas; as casas, altas e sombrias. A temporada de chuvas intensas mal havia terminado, e por isso o país ao redor, que mal está acima do nível do mar, foi inundado de água; e falhei em todas as minhas tentativas de passear.

A terra plana e pantanosa onde Pernambuco está situada é cercada, a poucos quilômetros, por um semicírculo de colinas baixas, elevado talvez a 60 metros acima do mar.



OLINDA: A FALTA DE CORTESIA

A antiga cidade de Olinda está situada em uma extremidade dessa cadeia. Um dia peguei uma canoa e subi um dos canais para visitá-la; Achei a cidade velha, pela sua situação, mais doce e limpa do que a de Pernambuco.

Devo aqui comentar o que aconteceu pela primeira vez durante nossos quase 5 anos de andança, ou seja, ter sido **recebido com uma falta de cortesia**. Fui recusado de forma taciturna em duas casas diferentes, e obtive com dificuldade de uma terceira permissão para passar pelos jardins deles até uma colina não cultivada, com o propósito de conhecer o campo.

Fico feliz que isso tenha acontecido na terra dos brasileiros, pois **não lhes guardo boa vontade — uma terra também de escravidão** e, portanto, de degradação moral. Um espanhol teria sentido vergonha só de pensar em recusar tal pedido, ou em se comportar com grosseria com um estranho.

O canal pelo qual íamos e voltávamos de Olinda era ladeado de cada lado por **manguezais**, que brotavam como uma floresta em miniatura dos bancos de lama oleosa.

A cor verde brilhante desses arbustos sempre me lembrou a grama grossa de um cemitério de igreja: ambos são nutridos por exalações pútridas; Um fala de morte passada, e o outro com muita frequência de morte que viria.



O objeto mais curioso que vi nessa vizinhança foi o **recife** que forma o porto. Duvido que qualquer outra estrutura natural tenha uma aparência tão artificial no mundo. Ela se estende por vários quilômetros em uma linha absolutamente reta, paralela e não muito distante da costa. Sua largura varia de 25 a 50 metros, e sua superfície é nivelada e lisa; é composta por arenito duro obscuramente estratificado. Na maré alta, as ondas quebram sobre ele; em baixa mar, seu cume fica seco, e pode então ser confundido com um quebra-mar erguido por trabalhadores ciclóticos.

Nessa costa, as **correntes** do mar tendem a levantar à frente da terra, longas línguas e barras de areia solta, e em uma delas está parte da cidade de Pernambuco. (...).

Embora dia e noite as ondas do Atlântico aberto, turvas de sedimentos, sejam empurradas contra as bordas íngremes externas dessa parede de pedra, os navegantes mais antigos não conhecem nenhuma tradição de mudança em sua aparência.

Essa **durabilidade** é o fato mais curioso de sua história: deve-se a uma camada resistente, de alguns centímetros de espessura, de matéria calcária, formada pelo crescimento e morte sucessivos das pequenas **conchas** de **Serpulae**, juntamente com alguns **cracas** e **nulíparas**.

As **nulíparas**, **plantas marinhas duras** (...) especialmente os **Serpulae**, prestaram bons serviços ao povo de Pernambuco; Pois, sem a ajuda protetora deles, a barra de arenito inevitavelmente teria sido desgastada há muito tempo e, sem a barra, não haveria porto.



ADEUS A UM PAÍS ESCRAVOCRATA

No dia **19 de agosto**, finalmente deixamos as costas do Brasil. Agradeço a Deus, nunca mais visitarei um país escravocrata.

Até hoje, se ouço um grito distante, me lembro com intensidade dolorosa dos meus sentimentos; ao passar por uma casa perto de Pernambuco, ouvi os gemidos mais lamentáveis, e não pude deixar de suspeitar que algum pobre escravo estava sendo torturado, mas sabia que eu era tão impotente quanto uma criança até para repreender. (...)

Perto do Rio de Janeiro, eu morava em frente a uma senhora idosa, que guardava parafusos para esmagar os dedos de suas escravas. Fiquei em uma casa onde um jovem mulato doméstico, diariamente e a cada hora, era desprezado, espancado e perseguido o suficiente para quebrar o espírito do animal mais baixo.

Vi um menino, de seis ou sete anos, ser atingido três vezes com um chicote de cavalo (antes que eu pudesse interferir) em sua cabeça nua, por ter me entregue um copo de água não totalmente limpo; Vi seu pai tremer ao simples olhar do olho do mestre. Vi no Rio de Janeiro um negro poderoso com medo de afastar um golpe dirigido, como ele pensava, ao seu rosto.

Estive presente quando um homem de “bom coração” estava prestes a separar para sempre os homens, mulheres e crianças pequenas de um grande número de famílias que já viviam juntas há muito tempo.



Nem sequer aludirei às muitas atrocidades repugnantes que ouvi autenticamente; — nem teria mencionado os detalhes revoltantes acima, se não tivesse me encontrado com várias pessoas, tão cegas pela alegria constitucional do negro a ponto de falar da escravidão como um mal tolerável.

Essas pessoas geralmente visitavam as casas das classes altas, onde os escravos domésticos geralmente eram bem tratados, e elas não, como eu, não viveram entre as classes mais baixas. Esses inquiridores perguntam aos escravos sobre sua condição; Eles esquecem que o escravo deve ser realmente entediante, que não calcula a chance de sua resposta chegar aos ouvidos do mestre.

Argumenta-se que o interesse próprio evitará crueldade excessiva; Como se o interesse próprio protegesse nossos animais domésticos, que são muito menos propensos do que escravos degradados, a incitar a fúria de seus senhores selvagens. É um argumento há muito tempo contestado com nobre sentimento, e exemplificado de forma marcante pelo sempre ilustre Humboldt.

Frequentemente tenta-se amenizar a escravidão comparando o estado dos escravos com o dos nossos compatriotas mais pobres: se a miséria dos pobres não for causada pelas leis da natureza, mas por nossas instituições, grande é nosso pecado; mas como isso se relaciona com a escravidão, não consigo entender; assim como o uso do parafuso de polegar poderia ser defendido em uma terra, mostrando que homens em outra terra sofriam de alguma doença terrível.



Aqueles que olham com ternura para o dono de escravos, e com o coração frio para o escravo, nunca parecem se colocar na posição deste último;

Que perspectiva desanimada, sem nem uma chance de mudança!

Imagine para si mesmo a chance, sempre pairando sobre você, de sua esposa e seus filhos pequenos — aqueles objetos que a natureza incentiva até o escravo a chamar de seus — sendo arrancados de você e vendidos como bestas ao primeiro lanceiro!

E essas ações são feitas e atenuadas por homens, que professam amar o próximo como a si mesmos, que acreditam em Deus e rezam para que Sua Vontade seja feita na terra!

Faz o sangue ferver, mas o coração tremer, pensar que nós, ingleses e nossos descendentes americanos, com seu grito de liberdade vangloriosa, fomos e somos tão culpados: mas é um consolo refletir que, ao menos, fizemos um sacrifício maior, do que qualquer nação jamais feito, para expiar nosso pecado.



MENSAGEM A NAVEGANTES

As vantagens e desvantagens,
dores e prazeres
da circunavegação do mundo.

Sem dúvida, é uma grande satisfação contemplar vários países e as muitas raças da humanidade, mas os prazeres obtidos na época não contrabalançam os males.

Muitas das perdas que precisam ser enfrentadas são óbvias; como a da companhia de todo velho amigo, e da visão daqueles lugares com os quais toda lembrança mais querida está tão intimamente conectada. Essas perdas, no entanto, são em parte aliviadas pela alegria inesgotável de antecipar o tão desejado dia do retorno.

Se, como dizem poetas, a vida é um sonho, tenho certeza de que, em uma viagem, essas são as visões que melhor servem para passar a longa noite.

Outras perdas (...) são muito evidentes após um período: a falta de espaço, de reclusão, de descanso; a sensação cínica de pressa constante; a privação de pequenos luxos, a perda da sociedade doméstica e até mesmo da música e dos outros prazeres da imaginação.

Se uma pessoa sofre muito de enjoo do mar, que ela pese isso em risco. Falo por experiência própria: não é um mal trivial, curado em uma semana.



Se, por outro lado, ele gostar de táticas navais, certamente terá total espaço para seu gosto. Mas é preciso ter em mente a grande parte do tempo, durante uma longa viagem, que é passada na água, em comparação com os dias no porto.

E quais são as glórias vangloriadas do oceano ilimitado. Um deserto tedioso, um deserto de água, como o árabe chama. Sem dúvida, há algumas cenas encantadoras.

Uma noite ao luar, com céus claros e o mar escuro e cintilante, e as velas brancas preenchidas pelo ar suave de um vento alísio suave, uma calma mortal, com a superfície agitada polida como um espelho, e tudo quieto, exceto pelo ocasional bater da tela.

É bom ver uma tempestade com seu arco crescente e fúria que se aproxima, ou o forte vendaval de vento e ondas montanhosas. Confesso, porém, que minha imaginação pintou algo mais grandioso, mais terrível na tempestade adulta.

(...) No mar, o albatroz e o pequeno petrel voam como se a tempestade fosse sua esfera adequada, a água sobe e desce como se cumprisse sua tarefa habitual, o navio sozinho e seus habitantes parecem ser alvo de ira.

Em uma costa desolada e desgastada pelo tempo, a cena é realmente diferente, mas os sentimentos compartilham mais do horror do que deleite selvagem.



Agora vamos olhar para o lado positivo do passado tempo.

O prazer derivado de contemplar a paisagem e o aspecto geral dos vários países que visitamos tem sido, sem dúvida, a fonte mais constante e elevada de prazer.

(...) há um prazer crescente em comparar o caráter das paisagens em diferentes países, o que, até certo ponto, é diferente de simplesmente admirar sua beleza. Depende principalmente do conhecimento das partes individuais de cada visão.

(...) um viajante deve ser **botânico**, pois, em todas as opiniões, as plantas formam o principal ornamento. Massas agrupadas de rocha nua, mesmo nas formas mais selvagens, e podem por um tempo proporcionar um espetáculo sublime, mas logo se tornarão monótonas. Pinte-os com cores vivas e variadas, como no norte do Chile, eles ficarão fantásticos; Vesti-los com vegetação, eles devem formar uma imagem decente, se não bonita.

(...) Como a força das impressões geralmente depende de ideias pré-concebidas, devo acrescentar que as minhas foram retiradas das descrições vívidas na narrativa pessoal de Humboldt, que superam em muito em mérito qualquer outra coisa que eu tenha lido.

Ainda assim, com essas ideias elaboradas, **meus sentimentos estavam longe de ter um toque de decepção no meu primeiro e último desembarque nas costas do Brasil.**



Entre as cenas profundamente gravadas em minha mente, nenhuma supera em sublimidade as florestas primitivas desfiguradas pela mão do homem; seja o do Brasil, onde os poderes da Vida predominam, ou o da Terra do Fogo, onde prevalecem a Morte e a decadência.

Ao evocar imagens do passado, percebo que as planícies da Patagônia sempre cruzam diante dos meus olhos; ainda assim, essas planícies são pronunciadas por todos como miseráveis e inúteis. (...) Por que, então, e o caso não é peculiar a mim, esses desertos áridos tomaram um lugar tão firme na minha memória? (...) Mal consigo analisar esses sentimentos: mas deve ser em parte devido ao espaço livre dado à imaginação. As planícies da Patagônia são ilimitadas, quase intransitáveis e, portanto, desconhecidas: mas elas carregam o selo de terem perdurado, como são agora, por eras, e não parece haver limite para sua duração no futuro.

(...) Por fim, quanto à paisagem natural, as vistas de montanhas elevadas, embora certamente não sejam bonitas, são muito memoráveis. Ao olhar para baixo do cume mais alto da Cordilheira, a mente, imperturbável por detalhes minuciosos, estava preenchida com as dimensões estupendas das massas ao redor.

Entre os outros espetáculos mais notáveis que presenciamos, podem ser classificados, a **Cruz do Sul**, a **Nuvem de Magalhães** e as outras **constelações do hemisfério sul**; a **tromba d'água** — a **geleira** que guia seu fluxo azul de gelo, pairando sobre o mar em um precipício ousado — uma **ilha lagoa** elevada pelos corais formadores de recifes — um **vulcão ativo** — e os efeitos avassaladores de um **terremoto** violento.



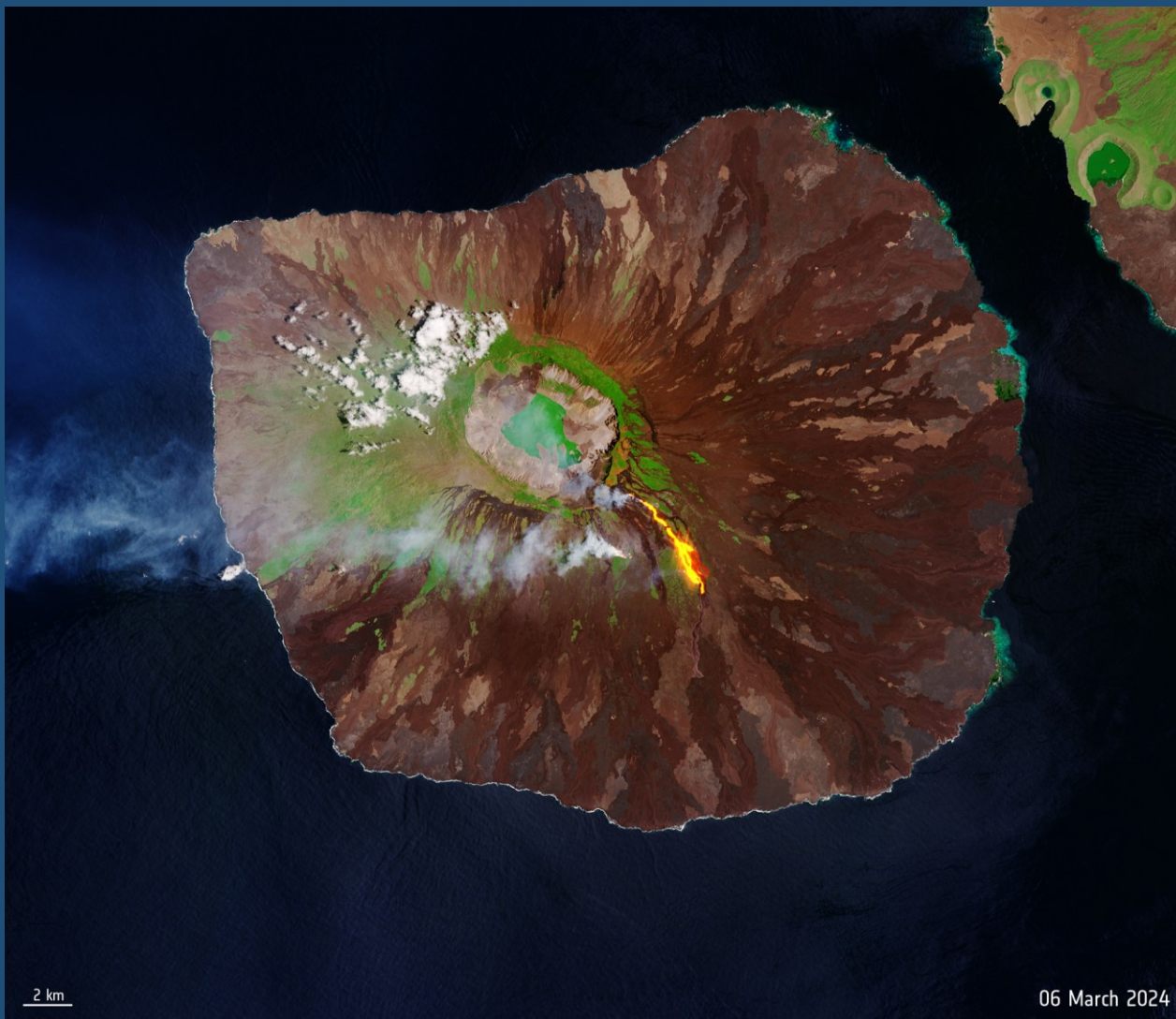
Esses últimos fenômenos, talvez, possuam para mim um interesse peculiar, por sua conexão íntima com a estrutura geológica do mundo. O terremoto, no entanto, deve ser para todos um evento impressionante: a terra, considerada desde nossa infância como um tipo de solidez, oscilou como uma crosta fina sob nossos pés; e ao ver as obras laboriosas do homem derrubadas em um momento, sentimos a insignificância de seu poder vanglorioso.

Diz-se que o amor pela exploração é um deleite inerente ao homem — uma relíquia de uma paixão instintiva. Se for assim, tenho certeza de que o prazer de viver ao ar livre, com o céu como telhado e o chão como mesa, faz parte do mesmo sentimento, é o selvagem retornando aos seus hábitos selvagens e nativos.

Sempre relembro para nossos cruzeiros de barco e minhas viagens terrestres, quando passavam por países pouco frequentados, com um deleite extremo, que nenhuma cena de civilização poderia ter criado. Não duvido que todo viajante deve se lembrar da **sensação radiante de felicidade** que sentiu quando respirou pela primeira vez em um clima estrangeiro, onde o homem civilizado raramente ou nunca pisoteou.

Existem várias outras fontes de prazer em uma longa viagem, que são de natureza mais razoável. O **mapa do mundo** deixa de ser em branco; Torna-se uma **imagem cheia das figuras mais variadas e animadas**. Cada parte assume suas dimensões próprias: continentes não são vistos à luz de ilhas, ou ilhas consideradas meros pontos, que, na verdade, são maiores do que muitos reinos da Europa.





**Fluxo de lava vulcânica nas ilhas Galápagos.
Com dados modificados do Copernicus Sentinel Satellite (2024),
processados pela ESA. Licença [CC-BY-SA 3.0 IGO](#)**

**PARA SABER
MAIS**



PROJETOS E LIVROS SOBRE CHARLES DARWIN

Autobiografia de Charles Darwin. Biblioteca Unilajes. [E-book](#).

Caderno de Esboços I de Conrad Martens, 1834-1835, Navio Beagle. Coleção Treasures of the Library. Cambridge University Library em <https://cudl.lib.cam.ac.uk/view/MS-ADD-07984/1>

Caderno de Esboços III de Conrad Martens, 1833-1834, Navio Beagle. Coleção Treasures of the Library. Cambridge University Library em <https://cudl.lib.cam.ac.uk/view/MS-ADD-07983/1>

Caminhos de Darwin (Rio de Janeiro). GEOPARQUE: Costões e Lagunas do Rio de Janeiro em <https://www.geoparquecostoeselagunas.com/caminhos-de-darwin/>

For the Curious: Darwin and the *Beagle* voyage. Um passeio tridimensional por dentro do navio Beagle, em https://www.darwinproject.ac.uk/sites/default/files/beagle_index.html

Fundación Charles Darwin, em <https://www.darwinfoundation.org/es/>

Le Voyage de Darwin à bord du HMS Beagle. Site sobre a viagem de Darwin no HMS Beagle, em <https://voyagedarwinbeagle.blogspot.com/p/le-hms-beagle.html>

Museu Virtual Darwin. O Diário de Beagou. Universidade de Brasília, em <http://www.darwin.museuvirtual.unb.br/>





Tartaruga gigante com casco. El Chato. Ilha de Santa Cruz. Acervo Mini Darwin alle Galápagos.

Dia Internacional de Darwin, em <https://darwinday.org/educate/>

Earth from Space. Galapagos Islands. Vídeo (4 min). ESA - European Space Agency. Copernicus Sentinel-2 mission, 2021, em https://www.esa.int/Applications/Observing_the_Earth/Earth_from_Space_Galapagos_Islands2

Iles-de-beautes-larchipel-des-galapagos, (Ilhas de Belezas, Arquipélago das Galápagos, 2012. Vídeo colorido, 2012. Internet Archives UNESCO, 43 min, em <https://archive.org/details/iles-de-beautes-larchipel-des-galapagos-2012>

Marine iguanas: Between land and sea, Edgardo Civallero, 2022. Internet Archives UNESCO, em <https://archive.org/details/civallero-edgardo-2022.-marine-iguanas/>

Land Iguanas: dragons of Galapagos, [Ebook](#).

Mini Darwin Alle Galápagos, L'Evoluzione raccontata dai bambini. Exposição original Mini Darwin em Galápagos. A Evolução recontada por crianças, em <https://medialab.sissa.it/minidarwin/mostra.html>

Mostra Darwin, Origens e Evolução. Mapa da exposição, em <https://www.mostradarwin.com.br/exposicao/>
Catálogo em <https://www.mbaraka.com.br/CATALOGO-DARWIN.pdf>

Projeto Galapagos Conservancy, em <https://www.galapagos.org/>



Publicações da Fundação Darwin

<https://galapagueana.darwinfoundation.org/en/books/books.html>

Guías Didácticas de Educación Ambiental, em

https://galapagueana.darwinfoundation.org/common/Guias_didacticas.pdf

A History of Galapagos in Fifteen Documents, From Ortelius' map to Darwin's diary em

https://galapagueana.darwinfoundation.org/common/A_history_of_Galapagos.pdf

Marine Iguanas: Between Land and Sea, com citações históricas sobre as observações de iguanas marinhas, em

https://galapagueana.darwinfoundation.org/common/Marine_iguanas.pdf

Land Iguanas: Dragons of Galapagos, com citações históricas sobre as observações de iguanas terrestres, em

https://galapagueana.darwinfoundation.org/common/Land_iguanas.pdf

Galapagos, versão digital do manuscrito de Gerard Thomas Corley Smith, escrito em 1970, em

https://galapagueana.darwinfoundation.org/common/Galapagos_en.pdf

Eruptions: Islands of Fire, em

<https://galapagueana.darwinfoundation.org/common/Eruptions.pdf>



Galapagos Sealions & Seals, em

https://galapagueana.darwinfoundation.org/common/Galapagos_sealions.pdf

Flying the Islands Skies, em

https://galapagueana.darwinfoundation.org/common/Flying_the_island_skies.pdf

Cormorants: Flightless Birds, em

<https://galapagueana.darwinfoundation.org/common/Cormorants.pdf>

Penguins of the Galapagos Islands, em

<https://galapagueana.darwinfoundation.org/common/Penguins.pdf>

Blue-footed boobies (Atobás de pés azuis), em

<https://galapagueana.darwinfoundation.org/common/Boobies.pdf>

Landscapes of the Encantadas, em

https://galapagueana.darwinfoundation.org/common/Landscapes_of_the_Encantadas.pdf

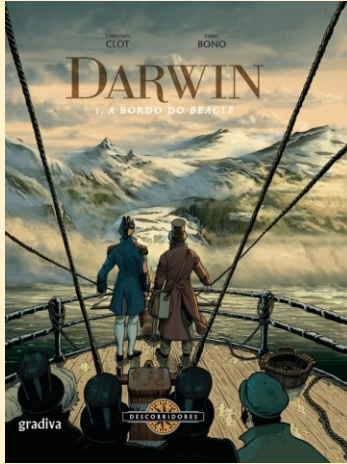
Galapagoan landscapes , em

https://galapagueana.darwinfoundation.org/common/Galapagoan_landscapes.pdf

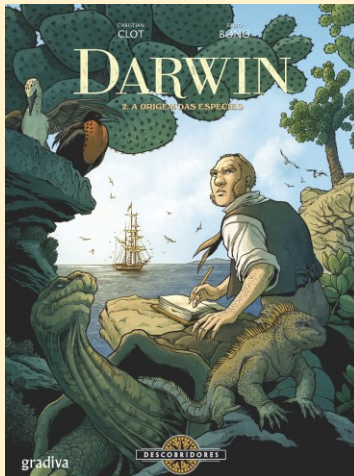
Images of the archipelago, em

https://galapagueana.darwinfoundation.org/common/Images_of_the_archipelago.pdf

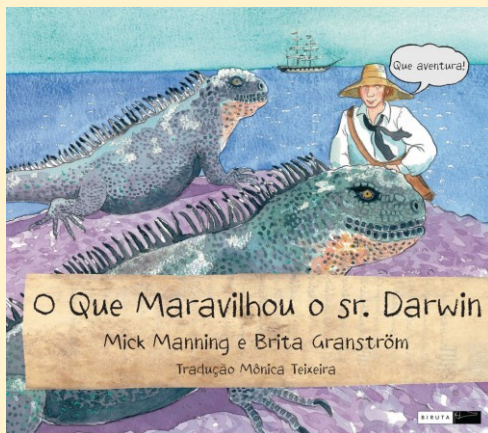




Darwin 1. A bordo do Beagle. 2019. Christian Clot, Fabio Bono . Editora Gradiva, PT. Segundo volume da colecção «Descobridores», lançada em 2018 pela Gradiva. 1831. Com 22 anos, o jovem Charles Darwin, de estudos terminados e destinado a uma carreira religiosa, embarca quase por acaso a bordo do HMS Beagle, de partida para uma volta ao mundo. Uma aventura de mais de cinco anos que vai mudar profundamente a sua — e a nossa — visão do mundo. Em <https://www.gradiva.pt/produto/darwin/>



Darwin 2. A Origem das Espécies. 2019. Christian Clot, Fabio Bono . Editora Gradiva, PT. Em 1836, o HMS Beagle regressa a Inglaterra depois de passar cinco anos a dar a volta ao mundo. A bordo, Charles Darwin estudou cada planta, animal e mineral que encontrou. Ainda não o sabe, mas as suas observações vão mudar a face do mundo. Em <https://www.gradiva.pt/produto/darwin-vol-2/>



O que maravilhou o Sr. Darwin. 2012. Por Mick Manning e Brita Granström. Editora Biruta. O relato sobre Darwin começa com o fascínio do jovem garoto pela natureza e mostra como, anos mais tarde, o naturalista foi inspirado pela incrível viagem ao redor do mundo no navio *HMS Beagle*. Os leitores o acompanham nas Ilhas Galápagos, nos Andes e explorando a floresta tropical brasileira. Em <https://www.editorabiruta.com.br/products/o-que-maravilhou-o-sr-darwin>

Mas **gostei demais da viagem**, (...) o **naturalista**, embora não espere ter tanta sorte com seus companheiros quanto eu tive, de correr todos os riscos e iniciar, se possível, viagens por terra... (...) Do ponto de vista moral, o efeito deveria ser ensiná-lo a paciência bem-humorada, a liberdade do egoísmo, o hábito de agir por si mesmo e de tirar o melhor proveito de cada ocorrência. Em resumo, ele deve compartilhar das características da maioria dos **marinheiros**. Viajar deveria ensiná-lo a desconfiança; mas, ao mesmo tempo, ele vai descobrir quantas pessoas verdadeiramente bondosas existem, com quem nunca teve antes, ou jamais terá, qualquer outra comunicação, e que ainda assim estão prontas para lhe oferecer a mais desinteressada ajuda.

Charles Darwin

AUTOR

Esse texto é uma *narrativa ficcional* como se o próprio Charles Darwin nos contasse sua história, inspirada e com trechos de seu diário da expedição HMS Beagle. As medidas inglesas da época foram transformadas para o sistema métrico de medidas. E espécimes descritas por Darwin, quando identificadas, tiveram suas taxonomias atualizadas.

Poesias foram criadas com IA,
editadas por Paulo Henrique Colonese.



Paulo Henrique Colonese

Olá, sou Paulo Henrique Colonese, e atuo em dois museus, o Museu da Vida Fiocruz e o Espaço Ciência Viva, no Rio de Janeiro.

Minha família é da cidade de Pacatuba, Ceará, próximo a um Território Indígena do povo Pitaguary, o que descobri há pouco tempo. Eu fui alfabetizado por professores leigos em Fortaleza e me mudei para a cidade do Rio de Janeiro aos 7 anos.

As ciências físicas e matemáticas sempre me interessaram, e me apaixonei pela história da ciência em minha adolescência. Na universidade, no curso de Física, conheci o campo da educação e popularização da ciência, atuando no Espaço Ciência Viva, um museu interativo criado em 1982. Desde então, participo de projetos interdisciplinares que envolvem ciência, educação, história e arte, voltados para formação de educadores em escolas e em museus.

Ao final da década de 1990, passei a atuar no Museu da Vida Fiocruz, na criação do Parque da Ciência. Atualmente estou no programa Ciência Móvel, um museu itinerante que viaja na região sudeste do Brasil. Na última década, tenho coordenado o Planetário Ciência Móvel, desenvolvendo projetos na linha de Astronomia Cultural, com estudos e trabalhos sobre os céus de povos indígenas.

Esse volume busca aproximar crianças e jovens no movimento da Cultura Oceânica, integrante da Década do Oceano (2021-2030), contribuindo para uma **nova conexão com o Oceano**.

E despertar um interesse pela **História da Ciência**, com a releitura de fontes históricas originais.



Iguanas marinhas.
© Josh Cantor. Equador, 2010.
Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.





Estátuas de Charles Darwin sobre uma rocha, com uma tartaruga, uma iguana marinha e um leão marinho, na Ilha San Cristóban. Imagem do Google mapas.



Silhuetas de pássaros de Galápagos criadas com IA Microsoft Copilot.

Imagem de capa:

Earth From Space. Galapagos Islands.

ESA - European Space Agency. Copernicus Sentinel-2 mission, 2021.

Licença Padrão ESA.